

Joana Vasconcelos de Pina

Espaço de Cultura no Campo Pequeno

Definição de uma estratégia

Trabalho de Projecto
Mestrado em Práticas Culturais para Municípios

Fevereiro de 2012

Trabalho de Projecto apresentado para a obtenção do grau de Mestre em ***Práticas Culturais para Municípios*** realizado sob a orientação científica de Professor Doutor António Camões Gouveia e do Professor Doutor João Carlos Brigola.

Dedicatória

“Há pessoas que nos falam e nem as escutamos, há pessoas que nos ferem e nem cicatrizes deixam mas há pessoas que simplesmente aparecem em nossas vidas e nos marcam para sempre.” (Cecília Meireles)

O tempo necessário à realização deste trabalho de projecto fez-me ver que existem pessoas que me apoiam, até nos momentos de maior indecisão. Pessoas que me acarinham, que me incentivam, que me dão força para continuar e que são uma companhia diária na minha vida. Por estes e todos os outros motivos que refiro, individualmente, quero dedicar este trabalho, como forma de agradecimento:

- Aos meus pais, **Mafalda e Joaquim**, pelo esforço com que me têm criado, pelo amor e dedicação desde a minha existência, por investirem na minha formação e realização pessoal, e às minhas irmãs, **Filipa e Patrícia**, pela alegria que transmitem nos momentos de compressão e pela força e carinho que me demonstram;

- Ao **João** pelo amor, dedicação, confiança, por ser um porto seguro e por ser um constante estímulo em todo o meu percurso de Mestrado;

- Aos amigos por me ouvirem e mostrarem constante interesse pelo meu trabalho, agradeço o apoio e o esforço da minha ausência para terminar este trabalho;

Não querendo esquecer o aspecto científico, os meus maiores agradecimentos vão:

- Em primeiro lugar, ao meu orientador professor Doutor **João Carlos Brigola**, pelas sábias palavras, pela amizade e confiança, pela disponibilidade e acima de tudo por me ajudar a seguir o melhor caminho no trabalho de projecto;

- Ao professor Doutor **António Camões Gouveia** pela simplicidade com que ensina e pelas palavras claras que dirige a todos os alunos enquanto professor e coordenador do Mestrado de Práticas Culturais para Municípios.

- À **Paula Mendonça** e à SRUCP por me abrirem portas à informação e me mostrarem os aspectos relevantes a ter em conta na realização deste trabalho.

Agradeço, de alma e coração, todo o apoio que me prestaram, cada um à sua maneira.

*- Espaço de Cultura no Campo Pequeno -
Definição de uma estratégia*

Resumo

O Campo Pequeno, enquanto espaço multifuncional, apresenta uma lacuna de informação aos visitantes em relação à sua origem e funções iniciais na cidade de Lisboa. É este o único espaço no centro de Lisboa que permite receber touradas e que tem vindo a fazer história no panorama nacional da tauromaquia. A sua localização torna o edifício importante no roteiro turístico e na agenda cultural da cidade, tendo um número de visitantes substancial por ano. A área de actividades já não se restringe apenas às touradas. O Campo Pequeno tem vindo a receber todas as correntes artísticas. Por este motivo, o edifício e a praça em que se insere necessitam de ser adaptados para que os visitantes deste espaço consigam ter conhecimento da sua história e de memórias que ali aconteceram. O objectivo deste trabalho de projecto é definir uma estratégia para todo o Campo Pequeno, enquanto espaço cultural, tentando inserir as suas possibilidades actuais nas actividades oferecidas aos visitantes da praça, e tornando o edifício mais apelativo para quem não aprecia as touradas e consequentemente dar-lhes uma explicação do porquê de existirem.

Palavras-chave: Exposição, Serviço Educativo, Campo Pequeno, Tauromaquia

*- Espaço de Cultura no Campo Pequeno -
Definição de uma estratégia*

Abstract

The Campo Pequeno, while multifunctional space has a gap of information to visitors about their origin and earlier functions in Lisbon. This is the only space in the center of Lisbon, which allows to receive bullfighting and has been doing history of national bullfighting. Its location makes the building an important tourist destination and in cultural agenda of the city, with a substantial number of visitors per year. The area of activity is no longer restricted only to the bullfights. The Campo Pequeno has received all the artistic currents. For this reason, the building and the square in which it operates need to be adapted for visitors are able to know its history and memories that happened there. The aim of this project work is to define a strategy for the entire Campo Pequeno, while cultural space, trying to insert their existing valences in the activities offered to visitors of the square, making the building more appealing to those who do not enjoy bullfights and thus give them an explanation of why they exist.

Keywords: Exposition, Educative Services, Campo Pequeno, Tauromachy

Lista de Abreviaturas

GTS1 – Grupo Tauromáquico Sector 1

p. - Página

SRUCP – Sociedade de Recuperação Urbana do Campo Pequeno

Índice

Introdução	1
Capítulo I – Contextualização Histórica	4
I.1 – Breve Introdução à História da Tauromaquia em Portugal.....	5
I.2 – Avenidas Novas de Lisboa	8
I.3 – O edifício da Praça do Campo Pequeno: origens	10
I.4 – O Projecto de reabilitação da Praça do Campo Pequeno	12
I.5 – Antecedentes de Uma Sala de Exposições	14
Capítulo II – Definição de Uma Estratégia e Metodologia	18
II.1 – Uma Colecção Visitável de Tauromaquia	19
II.2 – Objectos para uma Colecção	21
II.3 – Descrição do Espaço Expositivo do Campo Pequeno	25
II.4 – Colecções e museus taurinos no mundo: apresentação de casos	26
II.5 – Um Programa de visitas para a Praça do Campo Pequeno	28
Capítulo III – Plano de Actividades.....	31
III.1 – Actividades pensadas para Escolas	33
III.2 – Actividades dirigidas a Outros Públicos.....	36
III.3 – Possíveis Exposições Temáticas.....	39
Considerações Finais	42
Glossário	45
Referências Bibliográficas	47
Anexos.....	48

Introdução

A Praça do Campo Pequeno representa actualmente a tauromaquia nacional. Tem 119 anos de existência, acompanhados por memórias e experiências não documentadas, passadas de geração em geração, que podem ser expostas ao público, recorrendo a diversas abordagens.

Esta Praça está aberta como local de passagem, ou de acesso ao subsolo transformado em centro comercial após as obras na Praça. A sua arena, salão nobre e salas não estão visitáveis, havendo uma lacuna cultural do edifício que ficou por resolver do projecto de recuperação. É com o intuito de planear o processo de tornar a Praça e seu conteúdo visitável que faço esta tese, para que possa servir, num futuro próximo, como base para o desenvolvimento cultural do espaço.

O motivo pelo qual escolhi este tema foi o fascínio pela arquitectura do edifício, pela sua valência multifuncional e a sua forte representação no panorama da tauromaquia nacional.

A arte de tourear, os cavaleiros e os forcados há muito que são imagem de uma cultura não entendida por todos, e muitas vezes criticada negativamente. Contudo, a tauromaquia tem uma razão, uma história e origens que muito poucos conhecem.

Um espaço cultural que defina a tauromaquia nacional faz sentido existir agregado àquela que é a maior praça de touros do país – o Campo Pequeno, que já não é apenas uma Praça de Touros, mas também uma sala de espectáculos da capital portuguesa, onde em tempos anteriores existiu uma sala de mostras de trajes, fotografias e documentos ligados à arte de toureio, inaugurada por João Baptista Duarte que deu o nome de Museu da Tauromaquia a esta sala expositiva, numa altura em que o conceito de Museu ainda não estava definido e era confundido com qualquer sala de exposição.

Desde 2006, altura em que a Praça do Campo Pequeno reabriu com uma cara lavada, que os aficionados e a empresa que gere a Praça anseiam por ver este espaço aberto a visitas, com exposição permanente e vários pólos de atracção cultural, desde a própria arquitectura que fez do edifício um imóvel de interesse público, ao conceito de tauromaquia no território nacional como informações para os visitantes.

O projecto de recuperação previa um Museu num local específico da Praça: em cima dos curros (como é possível ver na planta do Campo Pequeno em Anexo¹),

¹ Anexos - Página 57 deste documento

situação que foi alterada. Foi feito um novo projecto para o “Museu” que destina o espaço do torreão principal para espaço expositivo, apesar de ainda o chamarem “Museu”, usando o termo, na minha opinião, num contexto errado. Um Museu não é definido apenas por uma colecção, mas sim por a existência de uma política de incorporação, estudo, investigação, divulgação, conservação, restauro das peças museológicas num espaço gerido por um director que orienta uma equipa de técnicos especializados e formados com o intuito de abertura ao público e com planificação de actividades.

O que existia na Praça do Campo Pequeno era uma colecção de peças ligadas à tauromaquia numa sala visitável, ou seja, o conceito actual de Museu não estava implícito neste contexto de exposição. Ainda que a actual empresa que gere o Campo Pequeno fale na abertura de um Museu, este “sonho” não será realizado a curto prazo, uma vez que não existem as condições necessárias perante a Lei Quadro dos Museus². O objectivo primeiro será reunir um conjunto de peças que consigam ilustrar a história da Praça, se possível, recorrendo aos elementos mais emblemáticos que poderão ter sido mantidos do antigo espaço de exposição.

Existe um mistério em relação às peças que estavam nesta sala. Algumas foram expostas pela Praça na altura da sua recuperação, outras encontram-se em muito mau estado de conservação e outras é colocado um ponto de interrogação quanto ao seu destino, restando apenas testemunhos de que existiam. Partindo da observação de algumas fotografias de Mário Novais, captadas em 1945, pertencentes à Biblioteca da Arte da Fundação Gulbenkian, é possível identificar algumas peças que estavam expostas.

Para fazer face a este tipo de problemas, e querendo a empresa SRUCP que o Campo Pequeno tenha o seu próprio espaço de exposição, que pode, ou não, a longo prazo ser transformado em Museu, é necessário criar uma ficha de inventário para todas peças que o Campo Pequeno possui, ou adquira para expor na Praça.

Ao nascer um espaço de cultura tauromáquica no Campo Pequeno, poderão surgir parcerias com alguns espaços já existentes para aumentar a qualidade da informação e o valor das obras expostas. Esta tese será também um motivo de reflexão para um estudo prévio de público do espaço cultural da Praça, das potenciais oportunidades de empréstimo de obras para exposições pontuais, das estratégias para o

² Portugal: Lei No. 47/2004 : Lei-Quadro de Museus Portugueses de 19 de Agosto de 2004 – em Diário da República, I Série - A

bom funcionamento de um espaço cultural com as características de uma Praça de touros e de uma comparação com as melhores técnicas e experiências existentes.

É igualmente importante prever um conjunto de actividades que possam ser desenvolvidas na Praça do Campo Pequeno com o objectivo de divulgar o espaço cultural. Estas actividades devem ser planeadas tendo em conta as estratégias pensadas, fazendo com que o Campo Pequeno não seja apenas visto como Praça de Touros, mas também espaço de cultura e de conhecimentos históricos. O objectivo comum a estas actividades será tornar a praça mais apelativa a quem a visita e permitir que a visita seja mais criativa, implantando a expressão “aprender fazendo”.

A centralidade da Praça do Campo Pequeno na cidade de Lisboa faz com que uma qualquer missão de cultura se torne duplamente imponente. O espaço é privilegiado, com muito bons acessos, e desde 2006 passou a ser um local de passagem diária devido à zona comercial, sendo portanto urgente que se tente controlar a negativa imagem da vertente tauromáquica da Praça, não pensando em contrariar as opiniões, mas sim mostrando a sua história e memórias.

Capítulo I

Contextualização Histórica

I.1 Breve Introdução à História da Tauromaquia em Portugal

“Por muito que se tenha escrito e discutido sobre tauromaquia, ainda não foi possível até hoje, com verdade, saber-se quando teve início a lide de touros em Portugal, pois que, segundo se afirma, esse género de torneio já vem de épocas remotas, mesmo a preceder os circos de Roma.” (Carmo, p. 11)³

Tal como José Pedro Carmo escreveu bem antes da mudança de século, ainda hoje é difícil averiguar quando começaram a ver-se em Portugal as lides dos touros. Esta dificuldade em definir uma data acontece, também, na história da Tauromaquia Mundial, uma vez que aquilo que se conseguiu verificar é que já o homem primitivo, nas suas cavernas, desenhava esboços daqueles que eram os antepassados do touro de lide.

Na mitologia dos vários países surgem deuses com a aparência ou elementos que remetem para o touro. Este animal era visto pelos vários povos como símbolo de procriação, força genésica, invencibilidade, chefia, fertilidade, abundância, mas também com uma grande capacidade destruidora. Todas estas características atribuídas ao touro podem estar na origem da necessidade de os mais poderosos de cada povo quererem mostrar como conseguem vencer o animal, podendo ser vistos como alguém que possui as mesmas características de valentia, poder e força do touro, ou seja, a lide de touros poderia ser uma forma de afirmação no seio dos vários povos. Isto porque, em Portugal, alguns dos reis eram aficionados de tauromaquia, enfrentavam o touro em praça pública, a cavalo ou a pé. É o caso de D. Sancho II que farpeava touros a cavalo. Segundo Alexandre Herculano, já o rei D. Sancho I caçava touros e lidava-os.

Em 1451, por ocasião do casamento de D. Leonor com Frederico III, durante os festejos pôde-se assistir a uma tourada numa arena improvisada nos terrenos do Paço Real. Este momento poderá ter sido escolhido como forma de passar para o novo casal a fertilidade associada ao touro. Em 1578 o rei D. Sebastião mandou construir uma Praça de Touros em Xabregas, em 1647 eram feitas touradas na Praça do Rossio e vinte anos mais tarde no Terreiro do Paço.

De entre a realeza, aqueles que foram reais toureiros foram D. Sancho II, D. Sebastião, D. Afonso VI, D. Pedro II, D. Miguel e D. Carlos I. D. Dinis chegou a lidar

³ Carmo, J. P.: *Touros, Arte Portuguesa*. Lisboa: Impressora Lucas e C^a, página 11

touros no pátio de Odivelas para se exhibir diante da freira Ana, com quem teria uma relação extraconjugal. Todos toureavam a cavalo, mas D. Pedro II chegou a enfrentar o touro a pé. O que mais contribuiu para o desenvolvimento das touradas terá sido D. Sebastião que pediu ao Papa Gregório que revogasse a Bula Pontifícia de Pio V que proibia as touradas.

Em Portugal as touradas começaram por acontecer em Lisboa, onde estavam a maior parte das casas reais e porque a proximidade com o Alentejo é importante, porque é nessa zona que ainda hoje estão fixadas as grandes herdades de touros de lide do continente português. Os portugueses tornaram-se aficionados de tal forma que tudo o que tivesse a ver com as touradas deveria ser de qualidade, como se comprova com o pedido do povo ao rei D. Manuel I⁴, de que a picota (coluna onde se anunciavam as corridas de touros no Terreiro do Paço) fosse de mármore. Durante o Reinado de D. Filipe II, fizeram um programa de três touradas em três dias consecutivos. Um cadastrado – João Camarão – viu os seus crimes serem perdoados por ter lidado alguns touros a corpo descoberto, mostrando grande coragem. Correr os touros acontecia para festejar algum acontecimento, e por isso aconteciam sobretudo em datas solenes. A tourada era o “divertimento preferido pelas multidões e que trazia impresso o cunho verdadeiramente nacional.”⁵

Antes dos espectáculos em Praças, as pessoas do povo podiam assistir às “esperas” de touros. Estas esperas aconteciam aos sábados à tarde fora da Lisboa Românica, delimitada pela Arcada, o Chiado e a Praça da Alegria de Baixo. Os aristocratas começaram, nesta altura, a optar pelos arredores da cidade, foram sendo construídas quintas, e ocupado o espaço da Lisboa Popular, que até então era frequentada apenas pelo povo. Nestas “esperas”, o gado era conduzido desde as suas lezírias até ao antigo campo de Sant’Ana. Praça de touros inaugurada em 1831 pelo rei D. Miguel e a infanta D. Maria da Assunção, no terreno da antiga praça do Salitre.

“Passavam estes [os touros], conduzidos pelos campinos e seguidos pelos marialvas, a caminho da Praça do Campo de Santana, antecessora do Campo Pequeno, atravessavam meia Lisboa. O povo apinhava-se fora de portas, na Estrada do Lumiar, para ver tudo em primeira mão.” (Dias, v.3, p.161)⁶

⁴ Artigo da Revista de Engenharia Militar nº 33

⁵ Luis, Pepe: Lisboa das Touradas, Lisboa: Livraria Popular, pág. 14

⁶ Dias, Marina Tavares - *Lisboa Desaparecida*, volume 3, Lisboa, Quimera, página 161, 1990

D. Miguel não olhou a despesas para recuperar esta Praça de Touros e mandou publicar um decreto que dava à Real Casa Pia o direito às receitas não só daquela praça, mas de todas as que a rodeavam. Decreto que irá influenciar também a Praça do Campo Pequeno.

A Praça de Touros do Campo de Sant'Ana manteve-se até 1888, data em que foi encerrada por falta de condições do edifício. No ano seguinte, em 1889, a Câmara Municipal de Lisboa aprovou um documento de doação de terrenos à Casa Pia para construção de uma Praça de Touros; a instituição mantinha a exclusividade de organização de touradas em Lisboa. A falta de verbas para a construção de tal Praça de Touros fez a Casa Pia entregar o seu projecto a privados, sendo para o fim criada a *Empresa Tauromachica Lisbonense*. Foi feito um contrato pelo período de 90 anos, em que esta empresa teria direito à propriedade do terreno e à possibilidade de organização das touradas, com o dever de entregar à Casa Pia a quantia de 3500\$00 por ano.

Antes de 1892 já se corriam touros no Campo Pequeno. Desde 1741 que se faziam corridas de touros no largo do Campo Pequeno, ou Alvalade O Pequeno, numa praça de madeira. Esta Praça foi sofrendo alterações para se ir adaptando as necessidades do mundo tauromáquico e da segurança dos aficionados, até atingir o valor e qualidade dos dias de hoje, sempre com uma perspectiva de melhoras futuras.

Em Portugal, por todo o país, foram-se correndo touros, em praças ou em espaços improvisados, do Norte ao Sul do País. Algumas praças foram mantidas até aos dias de hoje, foram recuperadas, outras foram destruídas. No mapa em anexo é possível ver a distribuição da maior parte dos locais em que há relatos de que existiram ou ainda existem festas de touros.⁷ Este mapa comprova a importância das touradas enquanto fonte de entretenimento das pessoas, e aumenta a necessidade de que exista um espaço físico dedicado à temática tauromaquia. Lisboa por ser a capital do país e por ser central geograficamente, com bons acessos e boas acomodações, por ser também próxima das maiores ganadarias, deve ser a cidade que acolhe este espaço.

⁷ Mapa em Anexo, página 90 deste Trabalho de Projecto

I.2 Avenidas Novas de Lisboa

O conceito de Avenidas Novas foi utilizado para designar o desenvolvimento urbano da cidade de Lisboa para Norte, no final do século XIX e inícios do século XX. Este aumento da cidade de Lisboa iria criar uma nova freguesia, que juntaria as freguesias de São Sebastião da Pedreira e Nossa Senhora de Fátima, ficou caracterizado pelo aparecimento de arquitectura eclética, e pela abertura geográfica da cidade através de longas avenidas. As alterações feitas na geografia da cidade nesta época foram a maior transformação na cidade após a reconstrução pombalina, marcando, urbanisticamente a passagem para o século XIX depois de 1850.

O objectivo deste desenvolvimento era aliviar a pressão dos 200 mil habitantes que ocupavam o espaço até ao Passeio Público, hoje designado por Praça dos Restauradores. Em 1879, foi rasgada a Avenida da Liberdade, até à rotunda de Marquês de Pombal. Esta avenida foi sendo construída de 1979 a 1982, seguindo um estilo semelhante aos Campos Elísios em Paris. É arborizada, tem muitas lojas, na sua maioria de luxo, e hotéis de qualidade superior. Frequentar a nova avenida era sinal de elegância e poder, uma vez que nem todas as pessoas tinham posses para comprar ou ficar nesta zona de Lisboa. Ainda hoje esta é uma Avenida rica, no sentido em que está completa com escritórios das várias áreas profissionais, que enchem de trabalhadores diariamente o espaço público.

Em 1885 abriu-se a nova Estrada da Circunvalação, que aumentava os limites da cidade desde Algés, ao longo de Monsanto, a Benfica, Camarate e descendo novamente para o Tejo, na zona actualmente designada por Parque das Nações.

O Engenheiro Ressano Garcia, um homem liberal e metódico de técnica interventiva, estabeleceu um plano de ligar a rotunda de Marquês de Pombal ao Campo Grande, em 1888, e desta forma surgiram a Avenida Fontes Pereira de Melo e a Avenida da República. Este plano servia para promover um sistema viário que facilitasse a circulação, que contornasse o problema das barreiras físicas de Lisboa e que aumentasse em número de bairros para zona habitacional. Foi Ressano Garcia o engenheiro responsável pela obra do Campo Pequeno, aumentando a ideia de dinamismo da praça de touros que serve a Capital.

A Avenida da República representa o eixo das Avenidas Novas, e é das mais importantes avenidas de Lisboa. Tem início na Praça Duque de Saldanha e termina no Campo Grande, possui um número elevado de edifícios com características

arquitectónicas ecléticas. Isto é, um estilo novo que resulta de uma alteração dos estilos do passado. Esta avenida é, também, a morada do Campo Pequeno, dando ênfase à importância da localização deste espaço. Depois de concluída a avenida, no final do século XIX, surgiram novos bairros nas imediações desta nova via, com posição estrutural muito semelhante à Baixa Pombalina – o bairro de Campo de Ourique e o bairro da Estefânia, que fez surgir uma outra avenida, actualmente designada Avenida Almirante Reis. Com o aparecimento desta nova malha urbana a Norte, o centro de Lisboa passou a ser a Praça de Marquês de Pombal, e a Baixa tornou-se um local de carácter comercial.

O aumento de Lisboa para Norte, fez com que a Praça de Touros do Campo Pequeno, concluída também no final do século XIX, se torna-se um ícone da cidade, e consequentemente, as touradas tornaram-se uma forma frequente de entretenimento, não só de carácter popular, porque já haviam muitos aficionados de classes mais baixas, mas também no seio da aristocracia. A Praça que era até à data um local sombrio e segundo se sabe, até mal frequentado à noite, ganhou, com o aparecimento destas novas vias, uma nova cara, um novo aspecto de abertura, de luz e de vida, que poderá ter levado os olhares mais atentos a sentir a necessidade de existir renovação também no edifício da praça de touros, que ainda era em madeira.

O Campo Pequeno não é, actualmente, apenas uma praça de touros, é uma Praça da cidade. É um local jardimado, um centro comercial rodeado de edifícios de habitação, de escritórios, biblioteca, universidade, bancos, o que trouxe à praça um ambiente de vida cidadina lisboeta muito actual. Todo este ambiente criado em torno da Praça do Campo Pequeno, toda a luz dada aos espaços envolventes só foi possível com a construção das novas avenidas e de uma política de dinamização muito presente no pensamento de Ressano Garcia.

I.3 O Edifício da Praça do Campo Pequeno: origens

A praça do Campo de Sant'Ana, antecessora do Campo Pequeno encontrava-se, em 1888, incapaz de ser palco de novas touradas. Foi da iniciativa dos toureiros José Peixe, Rio Sancho, Calabaça e José Costa dirigirem-se ao Dr. Oliva, na altura director da Casa Pia (entidade responsável pelos assuntos da Praça), para pedirem a intervenção urgente no Campo de Sant'Ana. Foi também José Peixe que levou à presença do Dr. Oliva o arquitecto Dias da Silva, que já tinha em sua posse um projecto de uma praça de touros que se pensava construir em Queluz. O Dr. Oliva apreciou o trabalho do arquitecto, e convidou-o a elaborar um projecto para uma praça da capital, aceitando o arquitecto de imediato, sem custos.

No projecto do arquitecto Dias da Silva é possível ler-se:

“A Camara Municipal de Lisboa tendo conhecimento do projecto Dias da Silva e desejando cooperar para o engrandecimento da nossa cidade, resolveu doar à Casa Pia de Lisboa, seis mil metros quadrados de terreno, para ser construída, segundo esse projecto já aprovado em todos os seus detalhes e conjuncto, a nova praça de touros de Lisboa.”⁸

Este projecto trazia comodidade aos espectadores, através da variedade de lugares e da sua disposição, trazia segurança para os artistas e uma nova forma de construção dos touris. A parte externa do edifício é circular, tem 80 metros de diâmetro e 18 metros de altura.

No dia 18 de Agosto de 1892 foi inaugurado o grande tauródromo do Campo Pequeno. A tourada inaugural contou com 12 touros de Emílio Infante da Câmara e os cavaleiros Alfredo Tinoco e Fernando de Oliveira, os bandarilheiros Vicente Roberto, Roberto da Fonseca, José Joaquim Peixinho, João Calabaça, Rafael Peixinho, João Roberto e os espanhóis Filipe Aragon e Vicente Mendez.

Toda a sua construção moveu 161.200\$00, com o financiamento de um grupo de accionistas com nomes como Bettencourt Rodrigues e Pinto Bastos. O engenheiro da obra foi Ressano Garcia e o arquitecto Dias da Silva que deu ao edifício uma forma cilíndrica e um estilo árabe.

O estilo do edifício pode inserir-se na arquitectura romântica, o estilo Neo Árabe, como atitude espiritual de interessante natureza, liberdade, poder, amor e

⁸ Projecto Dias da Silva para Praça de Touros do Campo Pequeno, 1891

violência, traduzindo o seu valor na emoção e risco de uma Praça de Touros. O arquitecto conferiu ao projecto um carácter exótico e muito ligado ao luxo. O material predominante das fachadas do edifício é o tijolo vermelho, pouco frequente em Portugal, as suas cúpulas têm forma de bolbo, as entradas e janelas são arcos em ferradura e as formas do edifício são sobretudo circulares.

A praça tinha uma área de 5840 m², mantida ainda hoje, que recebia até 8445 espectadores distribuídos da seguinte forma: 832 em camarotes (a tribuna real e camarotes para os ajudantes, 20 camarotes com 1,80 metros de frente e 46 de 1,20 metros de frente), 381 em fateuils, 116 em cadeiras sobre o touril, 2171 em bancadas de sombra, 1058 em bancadas sombra-sol, 1874 em bancadas de sol e 2013 em galerias de sol. Apresenta quatro torreões dispostos nos pontos cardeais, sendo que a entrada principal fica a Ocidente a e entrada dos cavaleiros fica a Oriente.

A praça do Campo Pequeno sempre foi gerida por grupos privados; o primeiro ano de espectáculos de touros foi organizado por Carlos Dias, auxiliado por Cipriano Batalha, Artur Teles e Joaquim Pedro Monteiro. No ano seguinte constituiu-se a empresa Dias, Monteiro e Comp.^a.

No ano de inauguração da Praça do Campo Pequeno, esta empresa organizou 16 touradas quase no final da época taurina, sempre com os melhores e mais caros elementos portugueses e espanhóis. Em 1893, o Campo Pequeno deu como aberta a época taurina em domingo de Páscoa, e nesse ano organizou 36 corridas de touros com grande sucesso no que diz respeito a público.

O Campo Pequeno tem no interior da sua estrutura zonas diferenciadas, e apresenta um vasto conjunto de salas, cada uma com características específicas, ou para efeitos tauromáquicos, ou para receber as pessoas e eventos que o Campo Pequeno recebe. Desde logo a Arena, que serve de palco aos vários acontecimentos do Campo Pequeno, e de espaço para Plateia para alguns tipos de eventos. É na sua origem coberta de areia, para permitir as touradas, mas também é facilmente coberta com painéis não inflamáveis e que servem de piso aos concertos ou feiras que este espaço acolhe. Tem 40,90 metros de diâmetro, podendo ser adaptada de várias formas.

A construção do edifício para a função de Praça de Touros fez deste espaço um edifício a descoberto, como é comum nas restantes praças de touros. Esta característica dificultou a manutenção do edifício, de tal forma que passada uma década da inauguração já não era seguro estar dentro da Praça de Touros. Foi necessário pensar num plano de recuperação deste edifício.

I.4 O Projecto de reabilitação da Praça do Campo Pequeno

Nos dias de hoje o Campo Pequeno não é apenas uma Praça de Touros. As obras de recuperação, concluídas em 2006, fizeram do Campo Pequeno um centro de espectáculos e lazer no centro da cidade de Lisboa. As touradas continuam a acontecer, com uma média de 12 corridas por época e um público que enche a sala.

Todo o projecto de recuperação deste edifício de estilo neo-árabe levou quinze anos para ser concluído. A primeira visita do arquitecto José Bruschy deu-se em Outubro de 1991. Nesta altura, a Praça estava em situação de desmoronamento, era perigoso que ainda se fizessem espectáculos no espaço, pedia com urgência obras de recuperação ou atingiria o estado de ruína. Foi necessário escavar em profundidade para substituir integralmente todas as vigas e pilares para manter a segurança do edifício. Durante todo o processo de recuperação foram chamados a intervir o Laboratório Nacional de Engenharia Civil, o Instituto Superior Técnico e o Instituto de Soldadura e Qualidade, para ser feito o diagnóstico do avançado estado de degradação e para avançar com recomendações ao projectista.

Alguns dos materiais originais do edifício já não existiam, à data destas obras, tendo de ser substituídos por outros idênticos com o intuito de respeitar ao máximo a sua história e características originais. Deste megalómano projecto de recuperação ficaram os números: mais de meio milhão de tijolos restaurados com argamassas produzidas na Holanda propositadamente, 12.000 tijolos foram fabricados por processos artesanais semelhantes aos do século XIX, o equivalente a 150 quilómetros de juntas entre os tijolos das fachadas foram abertas em 3 centímetros de profundidade e preenchidas com massas especiais, mais de 100 pedras de soco que rodeiam o edifício foram substituídas e as restantes recuperadas, para cima de 110 painéis de zinco das cúpulas tiveram de ser substituídos juntamente com cerca de 20.000 rebites.

Os objectivos deste projecto de recuperação era atribuir ao edifício uma imagem original que havia sido adulterada ao longo dos anos, dignificar o espaço e aumentar as suas funcionalidades, indo ao encontro das modernas exigências de segurança e conforto, não só para uma praça de touros, mas também para sala de espectáculos.

A vertente tauromáquica da Praça também foi melhorada, com a remodelação total e aumento dos curros, que permite uma lida dos animais mais fácil e cuidada; as cavaliças também foram ampliadas, permitindo aos cavaleiros que preparem ali as

suas montadas. Foram criados camarins para uso de todos os toureiros e artistas que actuem na praça, podendo acomodar uma orquestra sinfónica em toda a sua dimensão.

A Praça tem agora uma nova capela e enfermaria, um recuperado Camarote Presidencial, um novo rosto do Salão Nobre e um novo gabinete privativo para o Chefe de Estado.

Toda a praça ganhou cor e vida com este projecto de reabilitação. O atelier de arquitectura paisagista Ceregeiro ficou responsável pelo ambiente exterior da praça, transformando-a em espaço público de passeio, de passagem, de encontros e acima de tudo segura pela sua qualidade plana e ampla, deixando o edifício do Campo Pequeno sobressair na paisagem.

“De Novo em Grande” foi o mote atribuído a este projecto de recuperação, que visava restituir a segurança do edifício perante o grau de degradação que apresentava, preservar os materiais e manter a sua estrutura e aparência originais.

As novas instalações do Campo Pequeno trouxeram a possibilidade de polivalência do espaço, fazendo com que o espaço possa receber vários tipos de espectáculos, desde as touradas, concertos, circo, eventos desportivos, programas televisivos, conferências, jantares de empresas, campanhas políticas e até copos de água já passaram por este palco em arena de Lisboa.

A estrutura da praça foi mantida, a grande alteração vê-se na manutenção do espaço, segurança para os visitantes, na prevenção de degradação e adaptação polivalente do espaço. O Campo Pequeno era uma praça a descoberto, o maior motivo da degradação que levou à urgência de obras, hoje tem uma cobertura em forma de cúpula que dá conforto ao espectador, resistência ao edifício face às intempéries e permite que, perante boas condições climáticas, seja aberta deixando ao ar livre os palcos ou arena. Esta cobertura caracteriza-se por ser uma estrutura visualmente ligeira, composta por uma parte fixa sobre as bancadas e outra retráctil, em vidro, que corresponde ao espaço sobre a arena. Esta solução afirma o carácter contemporâneo da intervenção no edifício e evidencia a sua singularidade.

A lotação da sala, em contexto de tourada, foi reduzida para 6448 lugares de forma a facilitar o auxílio em caso de incêndios ou outro tipo de acidentes e foram colocadas cadeiras em todas as bancadas. Sendo um espaço multifuncional, a Praça tem possibilidade de se transformar para melhor receber os espectadores para os diferentes tipos de espectáculos, e deste modo, a sua lotação varia até aos 9000 espectadores.

A inauguração deste recuperado espaço deu-se a 16 de Maio de 2006, com um espectáculo multidisciplinar da autoria de Filipe La Faria de forma a mostrar todas as novas funcionalidades e possibilidades através de uma Gala de Abertura que contou com ópera, música sinfónica, dança, teatro e tourada.

O Campo Pequeno hoje é gerido pela SRUCP, Sociedade de Renovação Urbana do Campo Pequeno, empresa que gere não só a arena mas tudo o que está inerente a ela, como o centro comercial subterrâneo criado com as remodelações da Praça. Toda a fase de renovação da Praça foi feita por privados, com um projecto do arquitecto José Bruschy que lhe valeu dois prémios: o Melhor Empreendimento do Ano pela *Revista do Imobiliário* e um Óscar na categoria de Reabilitação.

Este projecto previa, também, a criação de espaços vocacionados para os admiradores de tauromaquia e da arte equestre, através da abertura na praça de um museu tauromáquico e de uma galeria de arte. Contudo foram estes pontos que ficaram por concluir, por desaparecimento de objectos que fariam parte da colecção. A ausência destes objectos tornou pouco viável a abertura de um museu, e como tal, será mais plausível começar por se fazer uma colecção do Campo Pequeno, ao invés de partir para a ideia de museu, tornar estas obras visitáveis juntamente com a abertura da praça a visitantes.

I.5 Antecedentes de uma sala de exposições

O Campo Pequeno já conheceu uma sala de exposições de peças com ligação ao mundo tauromáquico, mas as poucas obras que subsistem deste conjunto não tem possível recuperação. Há relatos sobre a colecção desta sala, sobre a sua singularidade, valor, mas a maior parte destas obras foram dadas como desaparecidas.

Numa nota histórico-artística do IGESPAR pode ler-se:

“Recinto circular, destinado a corridas de touros, construído em finais do século XIX. Exemplo muito característico de arquitectura revivalista, neste caso neo-árabe, projectado pelo arquitecto José Dias da Silva, tendo como inspiração a praça congénere madrilena (já desaparecida). Coberta por cúpula e lanterna "mourisca", a praça é vazada por arcos redondos ou em ferradura, igualmente islamizantes, como no caso do portal principal. O tijolo que reveste boa parte do edifício acresce ao seu tom mudéjar; toda a

fachada, corrida, é em tijolo de cor natural. No interior, a praça é em chão de areia com bancadas, galerias e camarotes em círculo. Integra um museu taurino.”⁹

O que se sabe deste espaço chamado museu é pouco. Dizem que as peças deste “museu” desapareceram, não havia nenhum catálogo do que existia, apenas consegui identificar em algumas imagens, que pertencem à Biblioteca das Artes da Gulbenkian, que mostram algum conteúdo desta exposição, como a cabeça do “primeiro touro morto a estoque na Praça do Campo Pequeno pelo espada Barajas em 12 de Junho de 1927”, a cabeça do “segundo touro morto a estoque na Praça do Campo Pequeno pelo espada Armilita I em 12 de Junho de 1927”, entre várias fotografias de antigos cavaleiros, cartazes e fatos de toureio¹⁰.

Através de uma Rubrica da RTP sob a orientação do crítico João Cabral Valente, em 11 de Fevereiro de 1958 é possível enumerar muitas das peças que faziam parte desta colecção:

- Projecto Arquitectónico da Praça
- Fotografias de artistas que inauguraram a Praça do Campo Pequeno – Rafael Peixinho “El Pescadero”, João do Rio Sancho, Vicente Roberto, Fernando de Oliveira, Alfredo Tinoco, Roberto da Fonseca, João Roberto da Fonseca, João Calabaça, José Joaquim Peixinho, Emílio Infante da Câmara.
- Fotografia do Cavaleiro Manuel Casimiro montado no seu cavalo “Teodoro”
- Fotografia dos amadores José Calazans, Duarte Pinto Coelho e António Perestelo de Vasconcelos
- Caricatura do Comandante Ferreira do Amaral
- Fotografia do Bandarilheiro Daniel do Nascimento
- Retrato de Fernando de Oliveira em pé
- Retrato de José Joaquim Peixinho, sua esposa e Peixinho Júnior
- Programa de seda da festa de Peixinho Júnior na Praça da Serra do Pilar, em 1888
- Retrato do Rei D. Carlos
- Programa da corrida oferecida pelo Rei D. Carlos à Rainha D. Amélia, em 18 de Junho de 1905

⁹ Nota Histórico-artística do edifício do Campo Pequeno, no site do IGESPAR, disponível em <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/pesquisa/geral/patrimonioimovel/detail/74571/> Acesso em: 30 de Janeiro de 2012

¹⁰ Fotografias em anexo, páginas de 64 a 73

- Fotografias da Corrida oferecida a D. Amélia pelo Rei D. Carlos.
- Fotografias de vários artistas que receberam a alternativa no Campo Pequeno
- Programa de Tourada no Terreiro do Paço quando o Rei D. José subiu ao trono
- Programa da Corrida de 1841 no Campo de Sant'Ana, cujo cavaleiro era Conde de Vimioso
- Programa da Corrida de 1760 na Primeira Praça do Campo Pequeno
- Programa da Corrida de 1889 em Paris, onde actuaram Alfredo Tinoco e D. Luís do Rego
- Lápides com nomes de artistas estrangeiros que actuaram no Campo Pequeno
- Monha com flores artificiais oferecidas a bandarilheiros Peixinho e Peixinho Júnior por ocasião de festas artísticas
- Garrafa em forma de peixe oferecida ao bandarilheiro Peixinho
- Espelho com moldura em forma de peitilho
- Peixe com flores artificiais
- Fotografias dos irmãos Robertos (jaqueta bordada e recamada a ouro, colete e calções)
- Casaca de Manuel Casimiro
- Montras / Capotes bordados a ouros dos irmãos Robertos
- Última casaca de Manuel Casimiro
- Casaca e colete que Fernando Oliveira trajava no dia da sua morte, tendo o colete manchas de sangue
- Tricórnio e a Insígnia do Hábito de Cristo com que D. Carlos agradeceu a Fernando Oliveira
- Monhas, entre as quais uma foi oferecida pela Rainha D. Amélia
- Casaca de João Nuncio – Bordada a prata, que vestiu em 27 de Maio de 1923 na sua alternativa no Campo Pequeno
- Casaca de Simão Veiga
- Chapéu alto do director de Corrida Manuel Botas
- Cabeça embalsamada do Toiro “Caralinda” da Ganadaria Palha Branco
- Cabeça embalsamada do Cavalo “Santeiro”, o primeiro de Fernando Oliveira
- Cabeça embalsamada do Toiro “Vadiante” da Ganadaria de João Coimbra

Este Museu tauromáquico foi fundado por João Baptista Duarte, em 1937, com peças que foi coleccionando e outras oferecidas pelos vários cavaleiros da época. Desde

o fecho da praça para reconstrução, não se ouviu falar de Museu tauromáquico até aos nossos dias, por parte da empresa que gere o Campo Pequeno, apesar das plantas da obra marcarem o espaço por cima dos curros como o Museu, este não foi concluído¹¹.

Actualmente os esforços vão no sentido de abrir um espaço cultural, que traga à memória dos visitantes da Praça as histórias ali passadas e que contorne as exigências para criar um Museu ditas na Lei Quadro de Museus. Isto não invalida a hipótese de este espaço cultural evoluir, assim que o conceito de Museu descrito na Lei seja identificado no trabalho que irá ser desenvolvido pelo Espaço Cultural da Praça do Campo Pequeno.

A ideia de tornar a Praça de Touros do Campo Pequeno visitável, e de integrar nesta visita a possibilidade de vivenciar através de peças a história da tauromaquia e dos seus intervenientes não é de agora. Já desde a reabertura da Praça que muitos são os defensores de que o Campo Pequeno deveria albergar uma sala cultural. Actualmente a SRUCP pretende abrir as portas desta Praça emblemática aos aficionados da tauromaquia e a todos os que queiram ver a grandiosa estrutura do edifício qualificado pelo IPPAR, conhecendo também a sua história.

Ainda que muita tinta tenha sido gasta em Imprensa sobre o não avanço da abertura da Praça a Visitantes, o Campo Pequeno tenta reunir esforços para que esta ideia se torne real, e as obras já foram feitas na Praça para haver condições ao nível da infra-estrutura para albergar espaço dedicado à exposição.

¹¹ Plantas do Projecto de recuperação em anexo, página 58

Capítulo II

Definição de Estratégia e Metodologia

II.1 – Uma colecção visitável de Tauromaquia

O Campo Pequeno hoje não é apenas uma Praça de Touros. É um espaço de histórias e memórias de todo um conjunto de experiências sociais, e da evolução de um edifício no centro da cidade de Lisboa. O próprio edifício é uma peça fundamental da história da tauromaquia no panorama nacional e, actualmente, funciona como sala multifuncional. Sendo este edifício considerado um imóvel de interesse público pelo IPPAR, a SRUCP pretende que este seja aberto para conhecimento da população.

Nascer um novo espaço cultural numa cidade onde já existem várias salas de exposições, e vários edifícios com oferta cultural diversificada poderá ser um factor que dificultará o arranque deste espaço. Contudo, não existe no Campo Pequeno, actualmente, um espaço dedicado somente à tauromaquia e às várias artes que acompanham o mundo tauromáquico. Constituir a memória desta arte é um dos objectivos específicos da empresa que gere o Campo Pequeno, valorizando as suas várias expressões: toureio a pé, toureio a cavalo e forcados; valorizar os protagonistas, sobretudo portugueses, desta arte: toureiros, ganadeiros, criadores de cavalos, campinos, ou seja todos os que estão directamente ligados ao mundo do touro.

Pretende-se contornar a lacuna de informação relativa à Praça e à tauromaquia, reunindo um conjunto de peças ilustrativas da história tauromáquica portuguesa.

A tauromaquia é uma arte constantemente ameaçada pelos conflitos no diálogo que provoca, pelas divergentes opiniões, pelas manifestações, pelas sucessivas tentativas de abolição. Ainda que esta arte seja abolida, a Praça do Campo Pequeno já conta com 119 anos de história, de vivências, experiências desta arte na sua arena, nas suas galerias. Há pessoas a favor e outras contra estas vivências, mas ninguém pode destruir um passado que aconteceu e que foi feliz para os aficionados. Será também um espaço da memória deste trabalho que é a arte de tourear.

Transformar a Praça do Campo Pequeno num espaço de cultura, onde a história da tauromaquia seja explicada através de textos, vídeos, imagens, fotografias, obras, poderá ser uma forma de reduzir o impacto negativo das touradas. O objectivo não é mudar a opinião das pessoas, mas explicar o motivo da sua existência, desde os tempos mais remotos.

Trazer até este qualificado edifício mais pessoas e mostrar-lhes as suas características é outro objectivo da SRUCP, uma vez que, actualmente, a Praça só abre em dias de espectáculo, e por circularem muitas pessoas que só vêm com o intuito de

ver um espectáculo, não permite que outros consigam admirar o que existe de mais característico no edifício.

Uma exposição de tauromaquia permitiria ao Campo Pequeno responder, de forma ilustrada e sempre acompanhada de factos da história da tauromaquia, a algumas questões, como por exemplo:

- O que simboliza o touro em arena?
- Como surgiram os primeiros forcados?
- Quem terá sido o primeiro toureiro português?
- Desde quando não é permitido o touro de morte em Portugal?
- O que são quadros de lide?
- Quais são os quadros de lide de uma tourada?
- Que tipo de cavalo é ideal no toureio?
- Quem foram os matadores de touros portugueses?
- O que é que significa “Confirmar a alternativa”?

Ou seja, esta exposição serviria, não só como forma de criar uma memória e um espaço de recordações para os aficionados, mas também como espaço de conhecimento, de formação, de explicações para os que sentem curiosidade em conhecer as origens desta arte, as origens do edifício, e as alterações que, tanto tauromaquia portuguesa como Praça do Campo Pequeno, foram sofrendo ao longo dos anos.

Cada ano que passa o Campo Pequeno é ameaçado com petições com pedidos de abolição de touradas, com grupos anti-touradas, fazendo com que exista o medo constante de se perder a memória de uma arte tauromáquica em Portugal. A Praça de Touros, enquanto edifício central da cidade de Lisboa pode servir de amostra física sobre o tema, ser parte de um conteúdo de visita.

II.2 – Objectos para uma Colecção

Muito poucos objectos restaram do antigo espaço de exposições da Praça. Este é um facto que continua a ser um mistério para a SRUCP, uma vez que segundo relatos, esta era uma sala com algumas obras importantes sobre o tema tauromaquia.

Estas peças desapareceram, mas seria possível repor, por exemplo, as fotografias dos artistas que inauguraram a Praça do Campo Pequeno, ou de outros artistas que pela praça passaram.

Enumerando alguns tipos de obras que poderiam constar neste novo Museu tem-se: cartéis de antigas touradas, quadros de pintura sobre toureiros ou praças de touros, vestuário e elementos usados na lide, fotografias de touradas, de praças de touros, de toureiros.

Algumas obras poderiam ser cedidas a título de empréstimo, com o objectivo principal de divulgar a Exposição Taurina no seu recomeço de existência. Em parceria com museus portugueses e estrangeiros, seria possível trazer a Lisboa obras de maior valor, como é o caso da série de 26 ilustrações de Pablo Picasso intituladas *La Tauromaquia*, actualmente presentes no Museu de Pablo Picasso; Frederic Remington, que retratou em várias das suas telas a relação do homem com o touro, em arena ou fora dela; a obra *Andalucia* de António Pessoa, por exemplos.

Contudo, e tornando o programa mais exequível, existem alguns coleccionadores portugueses de obras de arte de tauromaquia, que poderiam ser convidados a depositar as suas peças no novo espaço do Campo Pequeno, a troco de boa conservação e de valorização das peças.

O Grupo Tauromáquico Sector 1 representa uma associação de defesa, propaganda e prestígio da festa dos toiros, que apresenta um espólio cujo valor total ainda não está calculado. São feitos leilões pelo grupo para a venda de cartéis, tendo sido leiloados alguns relativos a corridas que ocorreram no Campo Pequeno. O conjunto de peças que possuem está exposto num segundo piso da Rua 1º de Dezembro, em Lisboa, entrada número 85, um andar em mau estado de conservação e com muitos problemas em relação às condições de temperatura e humidade. O acesso a este espaço é dificultado pelas características do prédio, que apresenta uma loja de lembranças e chapéus no átrio de entrada e a porta para a escadaria está escondida pela decoração da loja. O GTS1 tem ainda uma colecção de cassetes de vídeo de corridas portuguesas e estrangeiras num armário onde estão guardados também livros sobre touradas, touros,

toureiros, praças entre outros temas ligados à festa dos touros. Alguns dos quadros que identifiquei e fotografei poderiam fazer parte do conjunto de peças que ilustrem a história da tauromaquia nacional e da Praça do Campo Pequeno, como exemplo quatro quadros de Macieira, quadros sobre a lide de Domingos Saraiva, fotografias de momentos do Campo Pequeno, como o primeiro touro a ser morto por um espada português – Manuel dos Santos – em 3 de Junho de 1951¹².

Este Grupo já mostrou interesse, perante a SRUCP, em ceder a título de empréstimo as obras, a custo zero, como o intuito de um primeiro passo rumo à abertura da Praça a visitantes. O facto de, na altura do contacto, não existir um espaço que albergasse estas obras, fez com que o Campo Pequeno se visse obrigado a rejeitar a ajuda, uma vez que as obras estariam expostas a obras, pó, humidade, inviabilizando a ideia de mudança.

António Manuel Nunes da Cunha de Moraes é advogado lisboeta que gere o GTS1. Enquanto presidente acha que as peças expostas na sede deste grupo deveriam merecer maior atenção. Ele próprio possui uma colecção privada de peças tauromáquicas, algumas da sua autoria e que lhe valeram prémios, como a escultura “Luta de Touros” que mereceu um primeiro prémio.¹³ Esta colecção privada conta ainda com 3 cabeças de toiros embalsamadas, de toiros lidados no Campo Pequeno, obras de artistas portugueses como Júlio Pomar, Paulo Ossião, Duarte de Almeida e obras estrangeiras de artistas como A. Martin Maqueda, Dela Riva, entre vários outros.¹⁴ A vontade deste senhor é que a tauromaquia não seja um tabu no panorama nacional, e que a Praça do Campo Pequeno consiga realizar um dos seus sonhos pessoais de abrir ao público e mostrar a sua história, e a história da tauromaquia portuguesa. Por este motivo, refere que seria possível depositar as suas peças na Praça, se esta tivesse as condições de exposição necessárias para se manterem as obras em bom estado.

Existe um conjunto de desenhos de A. Martin Maqueda, alguns deles da colecção acima referida, que permitem ilustrar a história da Tauromaquia e da evolução dos utensílios de lide. Esses desenhos, ainda que fossem ilustrações dos textos expostos poderiam valorizar a exposição e enriquecer as informações aos visitantes da Praça.

A colecção de António de Moraes está fechada, ainda que exposta num salão da casa particular do advogado e em condições controladas de luz e humidade, só é

¹² Conjunto de Fotografias em anexo, páginas de 77 a 82

¹³ Fotografia 58 em anexo, página 89

¹⁴ Conjunto de Fotografias (de 39 a 59) em anexo, páginas de 80 a 89

possível visitá-la com o pedido ao próprio. Algumas peças estão legendadas, outras apenas se sabe o autor, sendo necessário proceder a um estudo para reconhecimento de várias obras.

A forma como será ilustrada a história da Praça e da Tauromaquia terá um carácter multimédia, desde logo por se tratar de peças oriundas das várias manifestações artísticas, como a pintura, escultura e fotografia, mas também incluindo a música e o cinema ligados directamente ao tema. O cinema, como não podia deixar de ser, mostrando momentos em arena e a música que acompanha e anima as touradas do Campo Pequeno, sendo um elemento importante do espectáculo taurino. O tipo de música que é associado às marchas taurinas, e que é, desde logo, escolhido como reportório pelas várias orquestras que actuam em contexto de tourada, é o Passo-Doble ou Passodoble. Este estilo musical surgiu no século XVI em Espanha, caracteriza-se pelos compassos 2/4 ou 6/8 e tempo *allegro moderato*. Na exposição, e recorrendo a meios informáticos, postos de navegação multimédia, poderiam ser mostradas várias marchas de Passo-Doble aos visitantes da Praça.

Para se reunir um conjunto de peças de forma organizada que possam ser objecto de visita no espaço cultural da Praça do Campo Pequeno, é necessário que todas as peças que estejam expostas sejam inventariadas. Neste sentido, e recorrendo à Lei de Quadro dos Museus¹⁵, desenvolvi uma ficha de inventário¹⁶ para o espólio do Espaço Cultural que integra os itens descritos na Lei: Número de Inventário, Nome da Instituição, Denominação ou título, autoria, datação, material, meio e suporte, dimensões, descrição, localização, historial, modalidade de incorporação, data de incorporação, e acrescentei imagens, estado de conservação, interesse cultural, com o intuito de ter informação sobre o valor cultural e social da obra inventariada quanto à sua originalidade, raridade, antiguidade, autenticidade ou exemplaridade.

Pretende-se que o Campo Pequeno não seja apenas mais uma sala de exposições, seja um espaço de memória, um espaço aberto para a experiência, e que seja permitida a visita ao edifício. Isto faz com que o próprio espaço seja objecto de observação, com todas as suas características. Desde logo as galerias, local por onde os visitantes entram e circulam na praça, que têm uma largura de cerca de 3 metros, permitindo que estes sejam facilmente adaptados para exposições pontuais.

¹⁵ Lei Quadro dos Museus nº47 de 19 de Agosto de 2004

¹⁶ Em anexo, página 63

A loja do espaço cultural, que vai reunir todas as informações para os visitantes da Praça. Este poderá ser o ponto de partida das visitas, onde estas recebem o guia da visita, as possíveis actividades e uma possível newsletter sobre as novidades tanto do espaço cultural, como da agenda de espectáculos e corridas do Campo Pequeno.

Nos Camarins poderão ser criados cartazes ou panfletos que façam alusão às pessoas que por ali já passaram, os artistas mais marcantes, tanto da arte tauromaquia como do mundo da música, circo, teatro entre as outras áreas que o Campo Pequeno permite acolher. Estes camarins poderiam ser onde a “cortina” era ligeiramente levantada, revelando algumas das curiosidades do trabalho atrás do palco dos artistas. Nestes espaços poderiam ser feitas algumas actividades e ser criadas algumas oficinas, como por exemplo de maquilhagem ou de estilismo, mais ligadas à imagem e postura.

O Salão Nobre é actualmente usado para receber alguns convidados, ou para fazer cocktails de alguns eventos, poderá ser usado também para palco de eventos pequenos, concertos íntimos, pequenas bandas ou solistas. Nesta sala existem alguns fatos de toureio em vitrinas, protegidos com vidro, expostos. Poderá ser mais um dos espaços usados para exposições temporárias, recorrendo a placards móveis e facilmente retiráveis.

As bancadas apesar de serem um local pensado para quem assiste a espectáculos na Praça do Campo Pequeno, pode ser vista como um palco em relação às visitas que o Campo Pequeno recebe. É possível, ao longo dos anos, ir identificando um público famoso nas várias áreas profissionais, como políticos, actores, músicos, e no passado o Rei que coloriram o Campo Pequeno com a sua presença e que transportaram para as bancadas o centro das atenções do público, ainda que por meros momentos. Existem fotografias destas pessoas que pelo Campo Pequeno passaram, podendo ser feita uma galeria de fotografias com as personalidades que pisaram as bancadas da Praça. O mesmo poderá ser feito com os vários palcos que o Campo Pequeno já criou.

Da área tauromáquica é importante referir que os curros foram construídos de forma diferente nesta praça, em relação ao que se vê nas restantes praças de touro do país e do mundo. Permitem que se lide melhor o touro, que se consiga passar o touro das carrinhas para o curro e do curro para a arena de forma mais segura. As cavaliças são bastantes largas, permitindo que os cavalos sejam montados já na cavaliça, e que se prossigam a tratamentos dos animais caso haja algum ferimento em arena.

II.3 – Descrição do espaço expositivo da Praça do Campo Pequeno

O espaço de exposição permanente do Campo Pequeno ficará instalado no Torreão principal da Praça, virado para a Av. da República, e ocupa a cúpula e o piso imediatamente abaixo, conferindo-lhe uma área aproximada de 350 metros quadrados.

Este espaço terá divisão por salas permitindo uma organização temática dos assuntos tauromáquicos. É do interesse da SRUCP que, para além de uma exposição permanente, seja possível visitar exposições temporárias que circulem pelos museus desta área, nacionais ou estrangeiros, com quem a SRUCP venha a estabelecer protocolos, ou outro tipo de exposições que o próprio Campo Pequeno produza.

A adaptação de um espaço dentro da Praça de Touros para o uso deste para exposições implica um investimento de 120.000,00€, que neste momento está a ser concluído¹⁷.

Estas obras de transformação foram projectadas pela designer de interiores Margarida Bugarim, que pretendeu dar ao espaço expositivo um ambiente, simples e moderno, permitindo que o espaço seja organizado de diferentes formas. Estas características permitem que, a longo prazo, possam ser feitas modificações na exposição permanente sem que se estrague a luminosidade e amplitude do espaço.

Mas o espaço expositivo não se resume apenas à colecção que será criada, nem a estas renovadas salas pensadas para o efeito. A arena, as bancadas, os camarotes, os camarins, o salão nobre, as galerias, os curros, as cavaliças, serão também abertas, para que as pessoas não fiquem restritas de conhecimento. Tal como disse Albert Camus, “Não se pode criar experiência, é preciso passar por ela”, a SRUCP pretende que as pessoas passem pela experiência de ver o interior de um edifício como o Campo Pequeno, com algumas das características, como as descritas no tópico anterior.

Sobretudo as galerias da praça, por serem circulares à arena e por terem carácter amplo, poderão ser utilizadas como espaço expositivo. Nestes longos e largos corredores da praça poderão ser colocados postos de navegação em conteúdo multimédia, para aumentar a quantidade, mas sobretudo qualidade, da informação para os visitantes.

¹⁷ Ver Plantas em Anexo, que mostram a actual disposição do espaço destinado à exposição permanente – páginas de 74 a 76 – fotografias de 11 a 16

II.4 Colecções e Museus Taurinos no Mundo: apresentação de casos

Em Portugal há relatos de uma colecção visitável sobre tauromaquia em Pinheiro de Loures, nos anos 60. Este pertencia ao aficionado Francisco José Simões e era a mais completa colecção de elementos tauromáquicos que existia em Portugal, segundo Jayme Duarte de Almeida na *Enciclopédia Tauromáquica*.

Em Almeirim existe uma colecção particular de João Simões, antigo cabo do grupo de forcados do Aposento da Moita, que contem uma miniatura perfeita da Praça do Campo Pequeno. Esta colecção particular constitui uma oportunidade de o Campo Pequeno obter, por empréstimo ou doação algumas peças para a sua colecção permanente, ou de serem feitas exposições temporárias recorrendo a este conjunto de obras.

Coruche tem um Núcleo Museológico de Tauromaquia inaugurado em Agosto de 2010 que representa uma boa prática de museologia para este tema. A colecção está exposta de forma organizada e sempre acompanhada de informação escrita para relatar a história da tauromaquia e da *aficion* que se sente nesta cidade. Optaram por juntar ao conteúdo visitável umas cabines de visita virtual a sites tauromáquicos para permitir mais informação no pequeno espaço do Núcleo Museológico de Tauromaquia. Este Núcleo resultou de uma pesquisa e levantamento de inventário do património tauromáquico de Coruche, muito inspirado pelo testemunho dos aficionados que, relatando as suas próprias vivências, contribuíram para que Coruche conseguisse montar uma história da região. Toda a exposição é ilustrada por cartazes e fotografias reunidas durante o processo de inventariação.

Terrugem, uma terra a 15 minutos de Sintra, tem uma colecção particular, cujas portas podem abrir ao público, mediante contacto telefónico. Neste momento está em recuperação, por ter estado fechado cerca de sete anos. Conta com uma colecção particular de um antigo cavaleiro com cerca de 8000 peças.

Um outro exemplo de boas práticas culturais é possível ver com o recente Museu de Cultura Taurina do México, onde é evidente a ligação contínua entre o homem e o touro ao longo de toda a história. Este Museu tem cinco salas de exposição permanente, e à semelhança do que acontece no Núcleo Museológico Tauromáquico de Coruche, recorrem a vários módulos interactivos para aumentar a quantidade de informação disponível para os visitantes.

O Museu Taurino da Praça de Touros Las Ventas em Madrid está dividido em seis zonas, uma entrada para todos os visitantes onde estão expostas algumas obras de relevo, como o cartel de inauguração ou estátuas de toureiros marcantes para a Praça, as duas seguintes representam uma passagem do século XIX para o século XVIII, onde se conta a história da Praça nestes dois séculos. Segue-se uma zona dedicada ao vestuário de toureio e sua evolução, outra zona dedicada à escultura taurina, a zona V dedicada ao touro e às ferramentas usadas em lide, como a evolução das bandarilhas, dos estoques e das farpas, e finalmente uma zona dedicada ao toureiro, onde os grandes senhores da arena podem ver o seu busto. Estas zonas delimitam a organização da visita, uma vez que o Museu está dividido em diferentes espaços, e andares da Praça, mas apresenta uma única entrada, autónoma à entrada da Praça. Este tipo de visita contínua, não será o mais indicado para o Campo Pequeno, uma vez que se pretende criar um diálogo entre as peças expostas e a própria arquitectura do edifício, e sendo o espaço destinado a exposição relativamente pequeno, a melhor hipótese será optar por diferentes espaços dentro da Praça, dando enfoque ao espaço expositivo preparado para o efeito, mas criando outros pontos de exposição que foquem diferentes matérias.

O Museu Taurino de Sevilha inaugurado em 5 de Abril de 1989 também apresenta a sua exposição dividida por salas: uma primeira dedicada às obras mais antigas, cartéis em seda, centrados nos séculos XVII e XVIII; uma segunda dedicada à pintura taurina do século XIX; a terceira dedicada ao toureio e em especial ao trabalho de dois toureiros: Belmonte e Joselito el Gallo, assim como a estatuária em bronze e uma quarta sala dedicada a obras modernas e contemporâneas de vários tipos.

Muitos Museus Taurinos mantêm uma estrutura dividida por salas, por se integrarem na arquitectura da Praça de touros da cidade a que pertencem. Este tipo de exposição parece-me ser a mais correcta a adoptar para a Praça do Campo Pequeno.

O Museu Tauromáquico de Ronda, ocupa um quarto da Praça de Touros de Ronda, no espaço por baixo das bancadas. Nos seus conteúdos museológicos focam a origem mítica do touro na cultura universal, a evolução desta visão na Península Ibérica e a evolução da Tauromaquia, desde o conceito do touro popular e touro real cavaleiresco até ao espectáculo regulamentado. Neste Museu, cada obra exposta é acompanhada de explicação, origem e relacionamento com outras obras expostas e com a história da tauromaquia.

Em Salamanca o Museu Taurino foi criado com a missão de realçar e reconhecer a Festa dos Touros e os toureiros da cidade. Desde 1989 que Salamanca faz

homenagens aos melhores toureiros, como é o caso da estátua que se situa em frente à Praça de Touros La Glorieta, do toureiro El Viti, o museu foi inaugurado vários anos depois, em 29 de Dezembro de 2003, sob a direcção da Federación de Peñas Taurinas de Salamanca ‘Helmántica’, organismo que agrupou as peças e recebeu e preservou ofertas de ganadeiros e aficionados. Actualmente o Museu mantém a actividade de incorporar obras tauromáquicas e de as tornar públicas, mas também desenvolveu a sua actividade de forma itinerante, criando exposições temporárias que circulam pela atmosfera tauromáquica.

No Museu Taurino de Valência, fundado em 1929 com fundos doados de Luis Moróder Peiró e do picador de touros José Bayard Badila, e da doação de vários coleccionadores de obras tauromáquicas valencianas. Este Museu é frequentemente renovado e completado, tornando-se um dos museus mais antigos e emblemáticos da temática taurina; existe uma distribuição das peças museológicas consoantes o seu subtema: Tauromaquia valenciana, o touro, o toureiro, a lide e a praça de touros.

Estes são alguns espaços que podem ser usados para estratégia de benchmarking, para que o espaço do Campo Pequeno consiga chegar aos corações de todos, portugueses e estrangeiros.

II.4 – Estratégias para o funcionamento da Praça do Campo Pequeno enquanto local de visita

Um Espaço Expositivo tauromáquico nascerá dentro de uma Praça de Touros, lugar onde se desenvolve a arte que será mostrada ao público, com as características necessárias para que se desenvolvam touradas. Isto representa uma mais-valia para a Praça, uma vez que será possível que o visitante seja guiado pelo espaço, ouvindo e vendo as histórias que por ali aconteceram.

A SRUCP pretende criar um grupo de gestão para esta nova valência da Praça – espaço cultural, que juntamente com a empresa consiga lançar a cultura tauromáquica na Capital portuguesa, dando a excelência que uma sala de exposições exige. Desta forma conseguirá que a vertente cultural da Praça não seja só mais um departamento dentro da empresa, mas mantenha uma autonomia face aos problemas ou situações da empresa, uma vez que este espaço cultural terá como tutela a SRUCP, mas o grupo de gestão será o actuante em todas as situações e como tal, optarão por propor à empresa aquelas que julgam ser as melhores hipóteses.

Em relação à organização do espaço, tendo em conta que este será dividido em salas ou espaços com clara definição de autonomia entre si, julgo que o mais acertado será optar por subtemas dentro do grande tema que é a tauromaquia. Assim será possível haver um ponto de ligação numa visita à Praça, onde o visitante poderá optar por onde começar. No novo Espaço de Exposição Tauromaquica poderia ser dado enfoque à história da tauromaquia portuguesa, desde os reinados até ao que acontece na actualidade, alguns touros fizeram história e ganharam alcunhas pela sua bravura em arena, como por exemplo os touros notáveis de José Vinagreiro, o Pimpão e o Piugas que participaram em 25 corridas, o Boquilho de João Thomaz Piteira que colheu o cavaleiro Fernando de Oliveira. Este espaço seria dedicado ao animal que é protagonista na tourada, para perceber o que simboliza enfrentar este animal. Um espaço dedicado ao homem que enfrenta o touro em todas as suas valências, desde cavaleiros, matadores, forcados, bandarilheiros. Um espaço dedicado à arte de toureio, ou seja a lide e onde se incluíam os objectos que permitem que uma tourada aconteça – vestuário, peças tauromáquicas, local onde estariam representadas as várias formas de enfrentar um touro em arena. E por fim, mas igualmente importante dar enfoque ao edifício da Praça de Touros do Campo Pequeno, mostrando, por exemplo através de maquetas, as alterações após recuperação do edifício.

Sendo esta uma Praça que já não tem apenas a função de receber touradas, faz todo o sentido que haja referência, por exemplo, aos espectáculos que por ali já passaram, ou até criar maquetas ou fazer fotografias das diferentes possibilidades de palco que possam ser expostas para os visitantes verem as funcionalidades da Praça.

À semelhança do que acontece no Museu Tauromáquico de Ronda, Praça de Touros do Campo Pequeno apresenta umas galerias bastante largas que podem fazer a ligação entre uns conteúdos e outros expostos em salas diferentes. Estas galerias podem ser usadas também como espaço de exposições temporárias, recorrendo a placards que sejam facilmente guardados ou montáveis, para criar diferentes ambientes e diferentes exposições. Devem ser de madeira e resistentes, que permitam ser pintados consoante cada exposição e com o intuito de se manterem conservados. Como referi anteriormente, estas galerias podem ter também postos de navegação em conteúdo multimédia, de forma a ser possível saber mais, a escolher o que cada visitante quer conhecer, usando por exemplo uma aplicação semelhante a um motor de busca dedicado à tauromaquia e sobretudo aos assuntos do Campo Pequeno.

Para um diálogo com Museus ou outros espaços expositivos com ligação à tauromaquia, tanto nacionais, como internacionais, de forma a permitir uma troca de peças para exposições temporárias é necessária a implementação de uma política de empréstimos e da existência de alguns aspectos burocráticos de forma a contornar potenciais problemas que advenham dos empréstimos que Campo Pequeno faça, ou que receba. Para tal, penso que a existência de um formulário que defina vários factores, como protecção, segurança, conservação, condições onde a peça emprestada irá estar exposta, irá ser recebida e a existência de um seguro para obras emprestadas ao Campo Pequeno, poderão prevenir esses problemas, e de algum modo até ajudar na decisão da tutela de efectuar ou não um respectivo empréstimo, e salvaguardar a tutela face a qualquer acidente que aconteça com uma obra emprestada para exposição.

O organismo de gestão do espaço cultural do Campo Pequeno teria de lançar campanhas, promover reuniões com coleccionadores de forma a incentivar o depósito de obras na Praça como forma de as manter conservadas e de as valorizar no panorama nacional e internacional. Esta campanha de lançamento do espaço cultural no contexto em que nasce, deve ser apoiada por um bom plano de actividades de serviço educativo, que convide o público de diferentes idades a entrar no edifício e reviver algumas das experiências que ali aconteceram através de histórias, de objectos, de cartazes, de imagens.

A SRUCP pretende que o público consiga visitar a Praça e que volte, transformando a Praça do Campo Pequeno num local cultural. Esta visita implica maior manutenção dos espaços, maior limpeza, e como tal, a empresa quer que exista um valor, um custo para o visitante de visita à Praça. Este valor não pode ser exagerado, e deve apresentar descontos para jovens, grupos, famílias e idosos.

A Praça do Campo Pequeno poderia ter diferentes ambientes ao longo do ano, recorrendo a exposições temporárias e à criação de ambientes que dialoguem com essas exposições. Para que este tipo de intervenção no espaço cultural seja possível, é necessário que se crie um plano de actividades anual com o objectivo de organizar o espaço e dinamizá-lo, prever dificuldades, orçamento e recursos necessários à concretização do objectivo principal de todo este projecto: a abertura da Praça do Campo Pequeno ao público, e a transformação dos seus espaços num ambiente cultural, e tornar a sua visita apelativa e criativa.

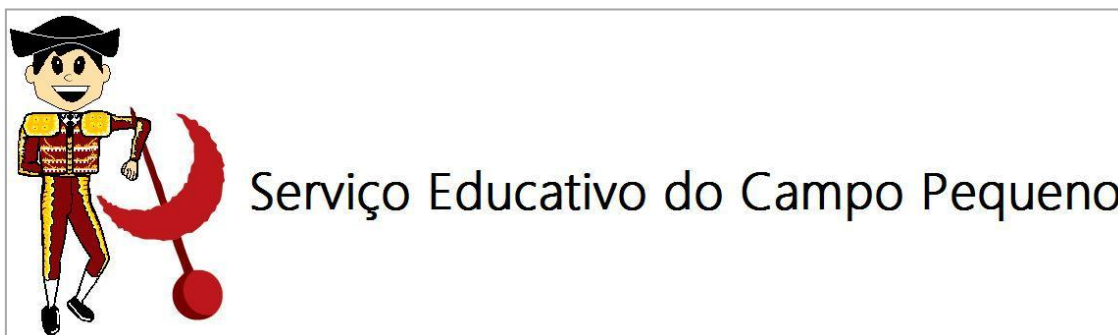
Capítulo III

Plano de Actividades

As actividades que se seguem têm como objectivo principal a dinamização da visita à Praça do Campo Pequeno. No espaço expositivo da Praça será possível ver um conjunto de peças que ilustrem a tauromaquia nacional e as remodelações feitas à Praça ao longo dos anos, essas peças estarão expostas de forma permanente e será por esta sala que se inicia a visita. No entanto, a Praça do Campo Pequeno tem potencialidades de espaço que neste momento não estão a ser utilizadas, tais como as galerias de grande largura e bem amplas, que permitem expor cartazes, ou modificar a sua aparência recorrendo apenas a placards ou estruturas móveis que se sobreponham às paredes.

O objectivo deste tipo de intervenção é criar um diálogo de actualidade e mudança com o público, fazendo com que uma segunda visita à Praça nunca seja igual à anterior.

A partir da abertura da Praça a visitas, é necessário criar uma motivação para que as escolas do País se interessem numa visita ao espaço. Criei um novo símbolo para o Serviço Educativo do Campo Pequeno, com o objectivo de melhorar o efeito de diálogo com o público, sobretudo os mais jovens, já que é com a educação dos mais pequenos que se pode criar mais e mais atento público no futuro.



Este logótipo junto ao actual símbolo do Campo Pequeno poderá ser transformado na mascote do espaço, que poderá acompanhar os visitantes mais pequenos durante a caminhada pela história do edifício e da tauromaquia em Portugal, ou receber visitantes em dias de espectáculos taurinos.

A par desta iniciativa, acho que é importante que uma criança que visite a Praça sinta o momento e experiencie através de algumas actividades, pensadas para idades específicas.

III.1 – Actividades pensadas para as Escolas

Actividade escolar 1

Nome da actividade: O meu Campo Pequeno

Duração: 30 minutos

Público-alvo: Alunos do ensino Pré-escolar

Descrição da actividade: No final da visita, os alunos devem ser encaminhados para umas mesas de actividade nas galerias da Praça, e é-lhes pedido que desenhem a Praça do Campo Pequeno, ou um elemento que mais gostaram de ver durante a visita. Os desenhos ficarão guardados com a indicação da escola e do nome dos alunos, para serem expostos numa exposição do serviço educativo da Praça.

Materiais necessários: Folhas A4 brancas, lápis de cor, marcadores.

Actividade escolar 2

Nome da actividade: Se eu fosse um toureiro

Duração: 1:00 hora

Público-alvo: Alunos do ensino Pré-escolar e 1º ciclo

Descrição da actividade: Os alunos são fotografados com um chapéu de toureiro e uma capa, no centro da arena com o Campo Pequeno de fundo. A fotografia é impressa e colocada em moldura de cartão para o aluno. As fotografias dos vários alunos são guardadas em base de dados informática e podem ser, posteriormente, utilizadas em exposição final do serviço educativo do Campo Pequeno.

Materiais Necessários: Máquina Fotográfica, Impressora, Papel de Impressão, molduras de cartão.

Actividade escolar 3

Nome da actividade: O Campo Pequeno de Novo em Grande

Duração: o equivalente ao tempo de visita à Praça do Campo Pequeno

Público-alvo: Alunos do 1º ciclo escolar

Descrição da actividade: No início da visita à Praça é dada ao visitante uma ficha a preencher com perguntas sobre o Campo Pequeno, e sobre as peças expostas. Ao longo

da visita os visitantes devem preencher as fichas com as respostas correctas, que devem entregar no final da visita na loja da Praça. É feita uma correcção, quem acertar em todas as perguntas recebe uma pequena lembrança, que poderá ser, por exemplo, um lápis com o símbolo e slogan da Praça do Campo Pequeno.

Materiais necessários: Fichas de perguntas, caneta ou lápis.

Actividade escolar 4

Nome da actividade: Uma aventura no Campo Pequeno

Duração: 1:30 horas

Público-alvo: Alunos do 3º ao 6º ano escolar

Descrição da actividade: Os alunos são convidados a escrever uma redacção sobre uma aventura no Campo Pequeno. Esta actividade deve ser feita em grupo, no máximo de 4 alunos por grupo, e deve ser dada alguma liberdade aos alunos de escolher o seu local de inspiração para escrever esta aventura, sempre vigiados por um responsável adulto. Esta aventura pode ser limitada por temas, através da atribuição aos alunos de cartões de tópicos que limitem a história, mas que desta forma permita o desenvolvimento da criatividade do grupo.

Materiais necessários: Folhas A4 brancas, caneta, cartões de tópicos.

Actividade escolar 5

Nome da actividade: Um poema a um toureiro

Duração: 1:30 horas

Público-alvo: Alunos do 7º ao 9º ano escolar

Descrição da actividade: Os alunos ouvem a história de algum toureiro, depois devem escrever um poema ao toureiro consoante a história que ouvirem, privilegiando um aspecto que mais lhes interessou. Esta actividade pode ser feita em grupos de dois, ou individualmente, consoante o grau de ensino.

Materiais necessários: resumo da vida de toureiros, folhas brancas, caneta ou lápis.

Actividade 6

Nome da actividade: Escultura de um touro

Duração: actividade lançada durante a visita que se prolonga para o ambiente escolar

Público-alvo: Alunos do 5º ao 12º, relacionados com a disciplina de EVT ou Artes.

Descrição da actividade: Os alunos devem construir uma escultura de pequenas dimensões, que pode ser do material que preferirem, para ser entregue na Praça do Campo Pequeno. Estas esculturas serão posteriormente expostas na Praça.

Materiais necessários: folha de explicação da actividade, com os limites das dimensões possíveis.

Actividade escolar 7

Nome da actividade: Uma obra, uma história

Duração: 1:30 horas

Público-alvo: alunos do 4º ao 12º anos

Descrição da actividade: Os alunos escolhem uma peça exposta na Praça, e criam uma história em torno dessa mesma peça, que pode ser escrita em prosa, poesia, ou notícia. Esta actividade pode ser realizada em grupos de no máximo 4 alunos.

Materiais necessários: folhas brancas, caneta ou lápis.

Actividade escolar 8

Nome da actividade: Um olhar sobre o Campo Pequeno

Duração: 1:30 horas

Público-alvo: alunos do 10º ao 12º anos

Descrição da actividade: Dando liberdade aos alunos, em grupos de 4, devem escolher pormenores do Campo Pequeno de que mais gostaram durante a visita, e captá-los em registo fotográfico. Cada grupo deve entregar apenas 4 fotografias, e atribuir-lhes um título. Estas fotografias serão guardadas e utilizadas para exposição do Serviço Educativo.

Materiais necessários: Máquinas Fotográficas

Actividade escolar 9

Nome da actividade: Prós e Contras

Duração: até 2:00 horas

Público-alvo: alunos do 10º ao 12º anos

Descrição da actividade: os alunos são convidados a debater sobre os Prós e os Contras um aspecto ou o tema tauromaquia. Alguns alunos serão responsáveis por defender os prós, outros por defender os contras. A actividade pode ser gravada em vídeo digital e inserida nos postos de navegação multimédia da Praça.

Materiais necessários: Câmara de Filmar, Folhas de Apontamentos

A lista de todas as actividades escolares da Praça devem ser disponibilizadas às escolas e instituições, e as actividades acontecem em horários e datas a combinar com os responsáveis que acompanham as crianças na altura das visitas, por marcação. O Campo Pequeno deve ter o cuidado de ir inovando sempre, alterando ou aumentando a lista de oferta de actividades. Mediante realização de parceria com instituições de ensino superior, poderão ser lançadas novas actividades que justifiquem a visita ao edifício, e que se encaixem no plano curricular de um curso superior.

III.2 – Actividades para Outros Públicos

Não querendo que uma visita ao Campo Pequeno seja restrita a nenhum tipo de público, as actividades que a Praça oferece também devem ser pensadas para todos. Por este motivo, pensei nas várias limitações físicas do ser humano, desde logo relacionadas com os sentidos – sobretudo visão e audição, já que o Campo Pequeno está provido de elevadores e rampas de acesso para pessoas de mobilidade reduzida, permitindo-lhes o acesso total ao espaço e a experiência de ver e ouvir com o próprio corpo. Para o público em idade de trabalho activa, é necessário pensar em actividades pós laborais, ou de fim de semana, permitindo que se pensem actividades que sejam elas próprias eventos da Praça, como conversas, debates, oficinas e workshops pontuais. Este tipo de workshops deve funcionar recorrendo a três fases: de divulgação, período de inscrição e realização com datas e horas marcadas.

Actividade A

Nome da actividade: Relato de uma Tourada

Duração: Variável

Público-alvo: Cegos, Amblíopes e Surdos

Descrição da actividade: Num dos Espaços da Praça, ou na própria arena, se existir disponibilidade, os visitantes são convidados a assistir a uma gravação de uma tourada, com o acompanhamento de um relato em linguagem verbal e gestual.

Materiais necessários: Filme da Tourada, Tela, Projector de Imagem.

Actividade B

Nome da actividade: Os teus olhos não conseguem ver

Duração: Variável

Público-alvo: Cegos e Amblíopes

Descrição da actividade: Numa conversa num dos espaços da Praça, os cegos e amblíopes são convidados a descrever o que sentem quando estão nos vários locais da Praça, as texturas, o cheiro, a temperatura, o ar. Estas descrições podem ser gravadas, escritas em Braille, para que os visitantes posteriores que sejam também eles cegos ou amblíopes possam passar a experiência uns aos outros.

Materiais necessários: Reglete e Punção (instrumentos de escrita em Braille).

Actividade C

Nome da actividade: A minha voz é a escrita

Duração: Variável

Público-alvo: Surdos

Descrição da actividade: Os visitantes são convidados a descrever a experiência da visita através da escrita, ou se preferirem usando a linguagem gestual. A conversa em linguagem gestual poderá ser gravada para ser mostrada posteriormente a visitantes que sejam surdos e assim partilharem a experiência.

Materiais necessários: Folhas de Papel e Canetas ou lápis, Câmara de Filmar.

Actividade D

Nome da actividade: À conversa com...

Duração: Variável

Público-alvo: Geral

Descrição da actividade: Os visitantes têm a possibilidade de assistir a uma conversa entre um entrevistador e uma personalidade da área tauromáquica ou artística convidada. Ao longo da conversa é dada a possibilidade de interromper com perguntas, o entrevistado. As perguntas iniciais podem ser lançadas pelo próprio entrevistador ou por um grupo seleccionado aficionados, previamente preparados. Esta actividade deve acontecer mensalmente, em horário Pós-laboral, ou aos sábados, e deve ser divulgada nos meios de Comunicação Social do Campo Pequeno.

Materiais necessários: Folhas de Papel e Canetas ou lápis, Câmara de Filmar.

Actividade E

Nome da actividade: Jornal do Campo Pequeno

Duração: Variável

Público-alvo: Geral

Descrição da actividade: Os aficionados têm a possibilidade de escrever artigos relacionados com o Campo Pequeno, seja como Praça de touros ou enquanto sala de espectáculos. Os artigos podem focar o tema tauromaquia, ou ser uma forma de relatar e descrever a experiência de um espectáculo que passou pelo Campo Pequeno. Este jornal poderá ficar disponível em meio electrónico, e poderão ser feitas algumas cópias em papel que sejam oferecidas aos visitantes da Praça. Deve ser lançado de dois em dois meses.

Materiais necessários: Folhas de inscrição para artigos no jornal

Sendo o Campo Pequeno um espaço multifuncional, pode albergar workshops das várias áreas artísticas. Não devem ser apenas relacionadas com Tauromaquia, uma vez que este projecto tem como uma das suas missões minimizar o efeito negativo da expressão Praça de Touros para algumas pessoas. Os workshops podem ser ligados às artes de palco, expressão dramática, canto, dicção, dança, ou às artes plásticas, focando a escultura, a maquilhagem, o estilismo. Todos os workshops devem ser divulgados e

disponíveis em horários que permitam vários públicos, ou um público específico dependendo da temática que pretende focar.

Tendo em conta que o Campo Pequeno lançou uma Academia de Toureio o ano passado (em 11 de Abril de 2011), as actividades da Academia deverão ser inseridas como oferta também aos visitantes. As aulas de toureio acontecem no Campo Pequeno às terças e sextas, das 17h30 às 20h30 e, aos sábados, das 10h00 às 13h00.

O Campo Pequeno, para além das actividades, poderia organizar cursos tauromáquicos para o público, com o objectivo de formar o observador das touradas e fornecer os conhecimentos teóricos e práticos necessários para poderem ver, entender e apreciar tudo o que acontece numa corrida de toiros, mostrar quais as funções e competências de cada membro interveniente numa corrida de toiros, explicar quais são os princípios gerais do toureio e reflectir sobre o presente e o futuro da festa dos toiros em Portugal e no Mundo.

III.3 - Possíveis Exposições Temáticas

Usando as galerias da Praça como espaço expositivo, será possível trazer algumas exposições pontuais, de curta duração ao Campo Pequeno. Face às actividades anteriormente apresentadas, é possível criar uma exposição com os trabalhos dos visitantes da Praça. Esta exposição será criada com o principal objectivo de trazer de novo os visitantes que pela Praça passaram, e para nela verem reconhecidos os seus trabalhos.

No entanto, a temática de exposições pode ser muito variada. Podem ser criados pequenos núcleos de informação, por exemplo, sobre os espectáculos que a Praça tem, ou terá no momento mais próximo. Assim tornará possível que alguém que assista a uma tourada ou a um determinado concerto, tenha a informação sobre os protagonistas do evento, e sobre o seu trabalho. Como é permitida a entrada na Praça algum tempo antes de o evento acontecer, estas informações prévias à visualização do espectáculo fazem sentido como fonte de explicação e curiosidade.

Outras exposições poderão ser criadas, recorrendo a uma personalidade tauromáquica, podendo ser um conjunto de informações que combinadas com imagens ou vídeos formem um relato de vida de um toureiro ou de um cavaleiro ou de uma praça de touros mais pequena que tenha desaparecido ou esteja na tentativa de se pronunciar

mais. A Praça do Campo Pequeno pode ser, para as restantes do país, como uma Praça mãe, que as divulga e que ajuda a sua dinamização, aliás como tem vindo a acontecer em época taurina, a equipa de Tauromaquia do Campo Pequeno é promotora de várias corridas de touros noutras praças mais pequenas.

Relatar um período da história tauromáquica usando os nomes mais sonantes dessa determinada época, fotografias, e vídeo, podem ser o conteúdo de uma outra exposição.

A música taurina enquanto forma de animação no ambiente da Praça, as marchas de Passo-doble mais conhecidas, e as orquestras que já passaram pelo Campo Pequeno podem dar origem a uma outra exposição temporária. Uma exposição com música pode ser feita recorrendo a aparelhos de leitura de mp3 fixos, com um placard que informe sobre o conjunto de instrumentos que o visitante ouve e qual a autoria da composição, ou pode acompanhar o visitante ao longo de toda a visita da Praça, música inserida num guia mp3 que ilustra cada uma das explicações que o visitante ouve. Este tipo de guias com auscultadores que acompanham os visitantes em visitas a espaços culturais e enriquecidos de informação são bons também para cegos e amblíopes, que conseguem ter uma explicação sobre aquilo que não conseguem ver, tentando inserir os comentários ouvidos nos cheiros, no ambiente, no eco dos vários espaços.

Mas a música não é a única arte que o mundo taurino influenciou. É possível ver a influência da festa taurina no cinema, na pintura e até na poesia, podendo-se criar várias exposições que foquem estas outras artes.

É possível fazer uma diferente exposição com os grupos de aficionados que existem em Portugal. Desde logo fazer referência ao Grupo Tauromáquico Sector 1 que ajudará na montagem da exposição permanente e que existe com sede fixa na cidade, mas, como já referi, a sede se encontra em difícil acesso para quem circula pela Baixa Lisboa. Contar a sua história, apresentar a sua missão enquanto grupo, dar a conhecer os valores que este grupo eleva poderá ser uma fonte de informação pertinente numa exposição temporária. Não existe apenas este Grupo formado, ou seja, é possível montar uma exposição com vários ou uma para cada um, dependendo da quantidade de informação que as pesquisas revelarem existir.

Uma vez que a exposição permanente pretende focar, sobretudo, o que aconteceu em Portugal, e como tal, a História da Tauromaquia Portuguesa, poderá existir uma exposição que foque os inícios e alguns aspectos da tauromaquia em Espanha.

As galerias poderão receber, também, uma exposição sobre o touro, animal de lide, onde se informe sobre a sua origem e classificação zoológica, os tipos de castas existentes, a morfologia do animal, a sua vida desde que nasce até atingir a idade adulta, e como se comporta. Com o mesmo raciocínio é possível criar uma exposição que fale sobre ganadarias, o que são, o que fazem, que tratamentos dão aos animais, como seleccionam o toiro para uma lide e como ganham títulos de bravura, lançando também uma ideia de que futuro está reservado a estes campos.

Usando o aspecto mais actual do mundo taurino, que acaba por ser o receio de uma possível abolição, é possível criar uma exposição que fale sobre a relação dos jovens com a Festa dos Toiros e o que tem mudado ao longo dos anos, a festa dos toiros nas celebrações universitárias, a não existência de toiros de morte no Campo Pequeno, e os vários acontecimentos taurinos populares que acontecem pelo país inteiro, as garraíadas e as largadas de touros, por exemplos.

Considerações finais

Entrando na recta final deste trabalho de projecto, os objectivos foram cumpridos. Este trabalho procurou contemplar quatro vertentes: uma apresentação geral do Campo Pequeno; o levantamento das suas origens, temática e modificações com o tempo; a discussão de um conjunto de estratégias para a abertura de um espaço cultural e da própria praça a visitas; uma proposta de actividades e exposições possíveis para esta nova missão da praça.

A apresentação do Campo Pequeno baseou-se no facto de, ao longo dos anos, este espaço ter vindo a adaptar-se às necessidades não só do mundo tauromáquico, mas também da Cidade de Lisboa, em relação à oferta de sala de espectáculo. As constantes alterações que sofreu desde o edifício, à funcionalidade, permitem-nos perceber que não é um equipamento esquecido, mas sim pensado para dinamizar a tauromaquia e a oferta cultural do País. Todo o edifício teve de origem um intuito de ser a maior praça de touros de Portugal, situação que se mantém até aos nossos dias.

O conhecimento da história tauromáquica faz ver que é impossível apagar da memória dos que vivem e apreciam a arte taurina um conjunto de acontecimentos, vivências e aspectos que são histórias de vida de várias pessoas intervenientes na Festa dos touros. Ainda que esta arte tenha um futuro ameaçado pela opinião pública, há valores que se elevam, havendo necessidade de se manterem eternizados. Estando o Campo Pequeno preparado para transformações, como é possível verificar com o passar dos seus 119 anos de existência, a empresa que gere o Campo Pequeno quer ver toda a sua história reconhecida, recorrendo-se a imagens, a objectos, a palavras, a pessoas. Mas não se restringe a esta ideia de guardar a memória, pretende também ser uma fonte de informação sobre origem, factos da vida tauromáquica que aconteceram não só no Campo Pequeno, mas em Portugal inteiro, e que mudaram a evolução da arte de toureio.

O carácter dinâmico do Campo Pequeno já vem da sua origem, e muito pelo espírito dos criadores do próprio edifício. Um pela sua disponibilidade em fazer um projecto a custo zero para a criação deste espaço, outro pela sua iniciativa em abrir a cidade de Lisboa a todos, e ficando o Campo Pequeno numa das maiores avenidas lisboetas no que diz respeito a centralidade e movimento. São eles, o arquitecto Dias da Silva e o engenheiro Ressano Garcia, pessoas que lançaram, desde a altura em que o Campo Pequeno era ainda uma ideia, um espírito de iniciativa para os projectos que se

foi verificando ao longo dos anos, na remodelação e na adaptação do Campo Pequeno às necessidades da sociedade.

Este trabalho de projecto tem, também, um espírito de iniciativa associado, à altura do que o Campo Pequeno exige. Uma vez que nele são dadas propostas novas de dinamização para o espaço e de adaptação ao facto de existir um aspecto da praça que não é aceite por todos, e que é ser uma praça de touros.

O Campo Pequeno pretende abrir as portas ao público, e mostrar o que existe para lá das bancadas, que são actualmente aquilo que os visitantes conseguem ver. Quer criar uma relação com o público mais frequente do que acontece hoje, que se verifica apenas em dias de espectáculo, e quer mostrar a sua história. A ideia da SRUCP ia de encontro à criação de um museu taurino, situação que não se vai conseguir verificar a curto prazo, já que não existem condições, perante a Lei-Quadro de museus¹⁸, para a existência de um Museu na praça, partindo-se para os aspectos funcionais do caso e que são: resolver problemas de espaço de exposição, criar estratégias de dinamização interna e de diálogo com todos os grupos de público, pensar nas melhores estratégias para um espaço cultural, pensar numa colecção de tauromaquia, pensar em actividades que promovam essa colecção e que incentivem a visita à praça, pensar nos factores legibilidade, interacção e acessibilidade, para poder marcar a diferença numa cidade que já oferece tanto.

Foi feita pesquisa em relação às práticas usadas num mesmo ambiente e contexto de outros espaços, recorrendo ao benchmarking, sobre a temática que se quer expor e o modo como está exposto, contudo o mundo cultural quer-se dinâmico e por isso está em constante mudança havendo necessidade de uma contínua pesquisa por parte de quem tome partido da gestão deste Espaço Cultural. A grande diferença neste espaço a criar é a ideia de que, actualmente, a tauromaquia não é o único sentido da praça do Campo Pequeno, que se dedica também a receber espectáculos de promotoras de eventos e que tem vindo a promover artistas e eventos por si mesmo. É um equipamento multicultural e multifacetado, com muitas possibilidades. A tauromaquia enquanto arte de tourear deve ser o ponto que faz a história entre a origem do edifício e o futuro, uma vez que é o factor que causa maior massa crítica no público, e por isso, é também o tema que deve merecer maior cuidado no tratamento da informação.

¹⁸Portugal: Lei No. 47/2004 : Lei-Quadro de Museus Portugueses de 19 de Agosto de 2004 – em Diário da República, I Série - A

A criação de estratégias de exposição que conseguisse contar a história da tauromaquia portuguesa, a história do Campo Pequeno, e a história dos intervenientes da festa dos touros que contribuíram para o evoluir destas duas linhas de história foi a preocupação desde o início deste trabalho. Organizar contactos que facilitem o acesso a possíveis obras que componham uma exposição de Tauromaquia e pensar em actividades que divulguem todo o Campo Pequeno e esta sua nova valia foram outros dos objectivos cumpridos.

As actividades descritas têm possibilidades de sofrer alterações consoante os grupos de visita e as suas características. Houve a intenção de pensar em actividades que pudessem dar uma continuidade ao projecto, que causassem uma relação de proximidade com os visitantes e que lhes incutisse o gosto e a curiosidade de uma nova visita.

Fica a certeza de que este é um ponto de partida para uma mudança que pode ser radical no Campo Pequeno e que pode alterar toda a sua política de gestão interna. Muito trabalho é necessário para se concretizar, mas não é impossível, e com algum tempo poderá ser o motivo de maior afluência de público à Praça e de menor alvo de críticas em relação à área tauromáquica. No desenrolar deste Trabalho de Projecto fica a sensação de que há muito para se fazer, muito para se dizer, e que apenas é necessário recuperar o tempo perdido agindo com a maior brevidade para a abertura da Praça do Campo Pequeno a todos.

Permanece a ideia inscrita no pensamento do novelista, biólogo, compositor e musicólogo Romain Rolland, e que inspira à iniciativa:

"Nada está feito enquanto resta alguma coisa para fazer."

Glossário

Aficionados – apreciador de corridas de touros

Alternativa – ritual, celebração que acontece geralmente numa corrida de touros com o objectivo de profissionalização do novo toureiro

Arena – local onde decorrem espectáculos

Bandarilha – nome genérico para uma haste de madeira ornamentada com papel de seda colorido, com um arpão na ponta que se crava no touro, o nome técnico é ferragem, já que uma bandarilha deve medir 70 cm, rematada com um ferro de 8 cm e o arpão deve ter 4 cm de comprimento e 2 cm de largura

Bandarilheiro – toureiro a pé que faz parte do grupo que actua com um matador ou cavaleiro

Campino – nome tradicional, em Portugal, para os camponeses cavaleiros do Ribatejo e que se apresentam com um traje característico, aquele que guarda as reses bravas

Capote – instrumento de toureio, com origem no traje de vestir com o mesmo nome

Cartel – cartaz com informação sobre uma tourada, desde o nome dos toureiros, o grupo de forcados, o número de touros, a sua ganadaria até à orquestra que actua, o local e o horário a que a corrida irá acontecer

Cavalariças – local onde ficam os cavalos enquanto são preparados ou esperam para entrada na praça

Cavaleiro – toureiro profissional que lida a cavalo

Cavalo (de toureio) – equino treinado e ensinado com características físicas e comportamentais que permitem que os cavaleiros neles montados toureiem na praça

Colecção – um conjunto de obras, que formam a memória para um determinado tema

Curros – local onde são guardados os touros, e preparados para entrarem em arena

Espaço Cultural – espaço destinado à apresentação de manifestações culturais das mais diversas modalidades

Estoque – instrumento de toureio usado para matar o touro, lâmina de aço triangular com 75 cm de comprimento

Faena – todo o trabalho feito com a muleta pelo matador ou cavaleiro

Farpa - instrumento que consiste num pau cilíndrico enfeitado com papel franjado, com cerca de 1,45 m de comprimento, e que a cerca de 30cm do arpão tem uma zona frágil que se destina a partir, quando o ferro fica no toiro.

Forcado - instrumento de lavoura em forma de forca, que está na origem da designação “moço de forcado” atribuída aos que em praça com tal instrumento se apresentam, com que hoje se conhece quem na arena executa as pegas. Correntemente refere os elementos de um grupo de pegadores.

Galeria – espaço de passagem, de espera, de corredor, circular à arena.

Ganadaria - conjunto de reses bravas pertencentes a um mesmo proprietário, com ferro e divisa própria. Em termos práticos, está para os toiros como a Coudelaria está para os cavalos

Ganadeiro – nome genérico para guardador de gado

Insígnia – símbolo, emblema que corresponde a um grupo

Inventário – lista de peças ou obras de uma colecção onde são descritas tendo em conta determinados factores

Lide – actos que se praticam com o toiro bravo com o objectivo de toureá-lo

Monha - adorno de fitas, que em tempos antigos se oferecia a toureiros e forcados como troféu

Serviço Educativo – conjunto de actividades e dinâmicas usadas por um equipamento com o objectivo de promover um espaço, de informar, de explicar e entreter os seus visitantes

Tauródromo – lugar onde se realizam as corridas de touros

Tauromaquia – arte de tourear

Tourada – designação comum para corrida de touros em Portugal, com cartel de cavaleiros e forcados

Tourear – verbo que designa a arte de burlar o touro, a cavalo ou a pé

Toureiro – aquele que burla o touro, pode ser a cavalo ou a pé

Toiro – bovino de raça brava do sexo masculino e com quatro anos cumpridos

Bibliografia

CARMO, J. P. - *Touros, Arte Portuguesa*. Lisboa: Impressora Lucas e C^a.

DIAS, Marina Tavares - *Lisboa desaparecida, volume 2*. Lisboa: Quimera, 1962.

DIAS, Marina Tavares - *Lisboa desaparecida, volume 3*. Lisboa: Quimera, 1962.

FRANCO, Alberto - *Campo pequeno: crónica da monumental de Lisboa*. Lisboa: Arte Mágica, 2008.

LUIS, Pepe - *Lisboa das Toiradas*, Lisboa: Livraria Popular de Francisco Franco, 1940

MORAES, António Manuel - *A Praça de Toiros de Lisboa (Campo Pequeno)*, Lisboa: FNAC, 1992.

NORONHA, Eduardo; GAMEIRO, Alfredo – *História das Toiradas*, Lisboa: Secção Editorial da Companhia Nacional, 1900

PEREIRA, Alexandre; POUPA, Carlos - *Como escrever uma tese, monografia ou livro científico: usando o Word*. 3.^a Ed. Lisboa: Sílabo, 2004.

PEREZ, Rogério – *Praças e Corridas de Touros em Lisboa*. *Revista Municipal*, Lisboa, A.2. nº 6, p. 35-37, 1940

RODRIGUES, A. Martins - *O Fado e as Touradas*, Lisboa: Publitur, 1967.

SILVA, Dias - *Praça de touros no campo pequeno - projecto de dias da silva*. Lisboa: Tip. Minerva Central, 1891.

SILVEIRA, José da Cunha - *O Touro e a Arte de Tourear*. Lisboa 1971.

SOLILÓQUIO (pseudónimo) – *No País das Touradas: crónicas taurinas da temporada de 1980*, Lisboa, 1981

Anexos

Plantas do Edifício

- Projecto de Recuperação

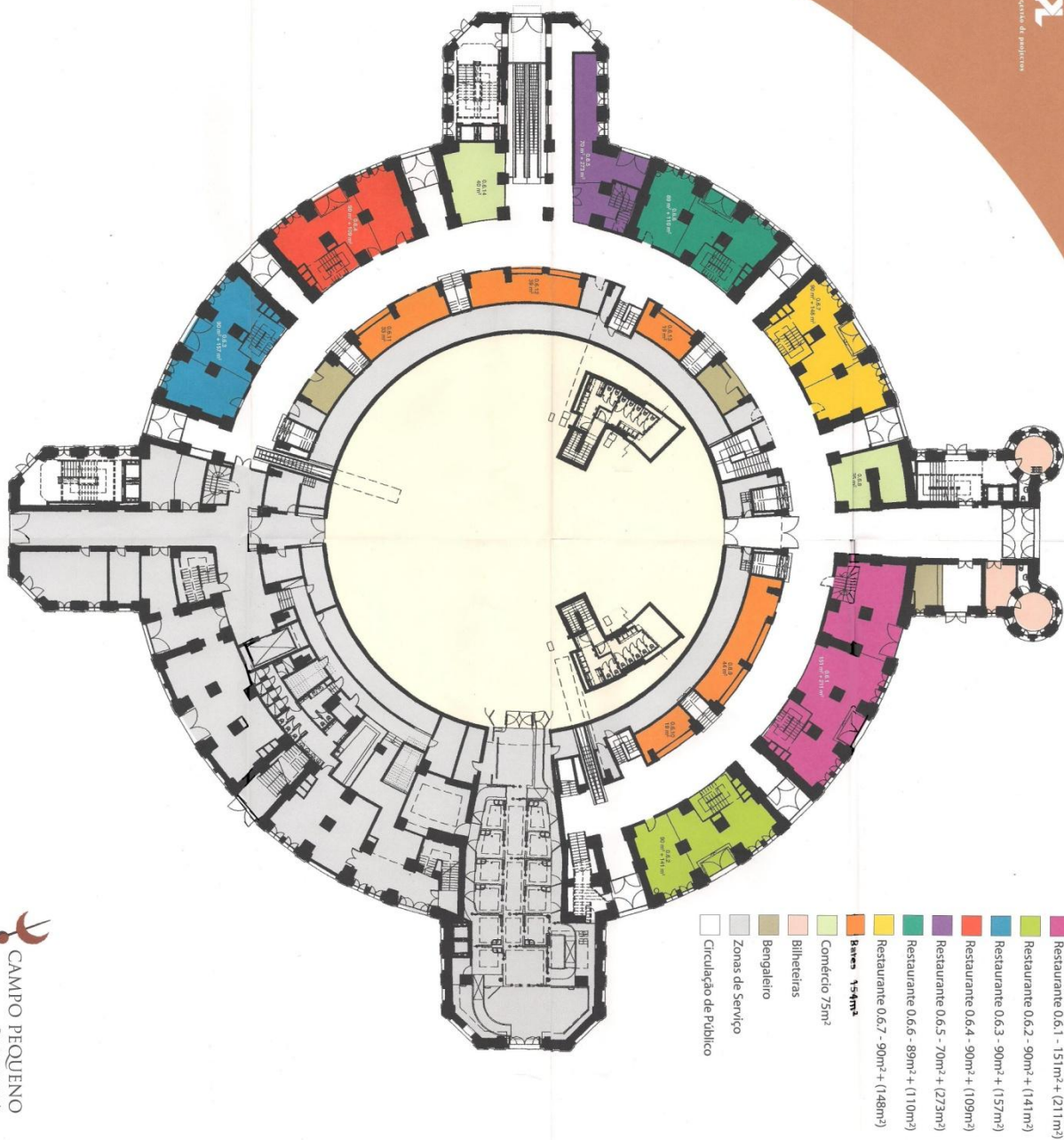
Os elementos gráficos e informações constantes desta planta e de brochura, da qual faz parte integrante, não representam qualquer compromisso contratual, tendo os mesmos carácter meramente informativo.

PISO 0 (Zero)

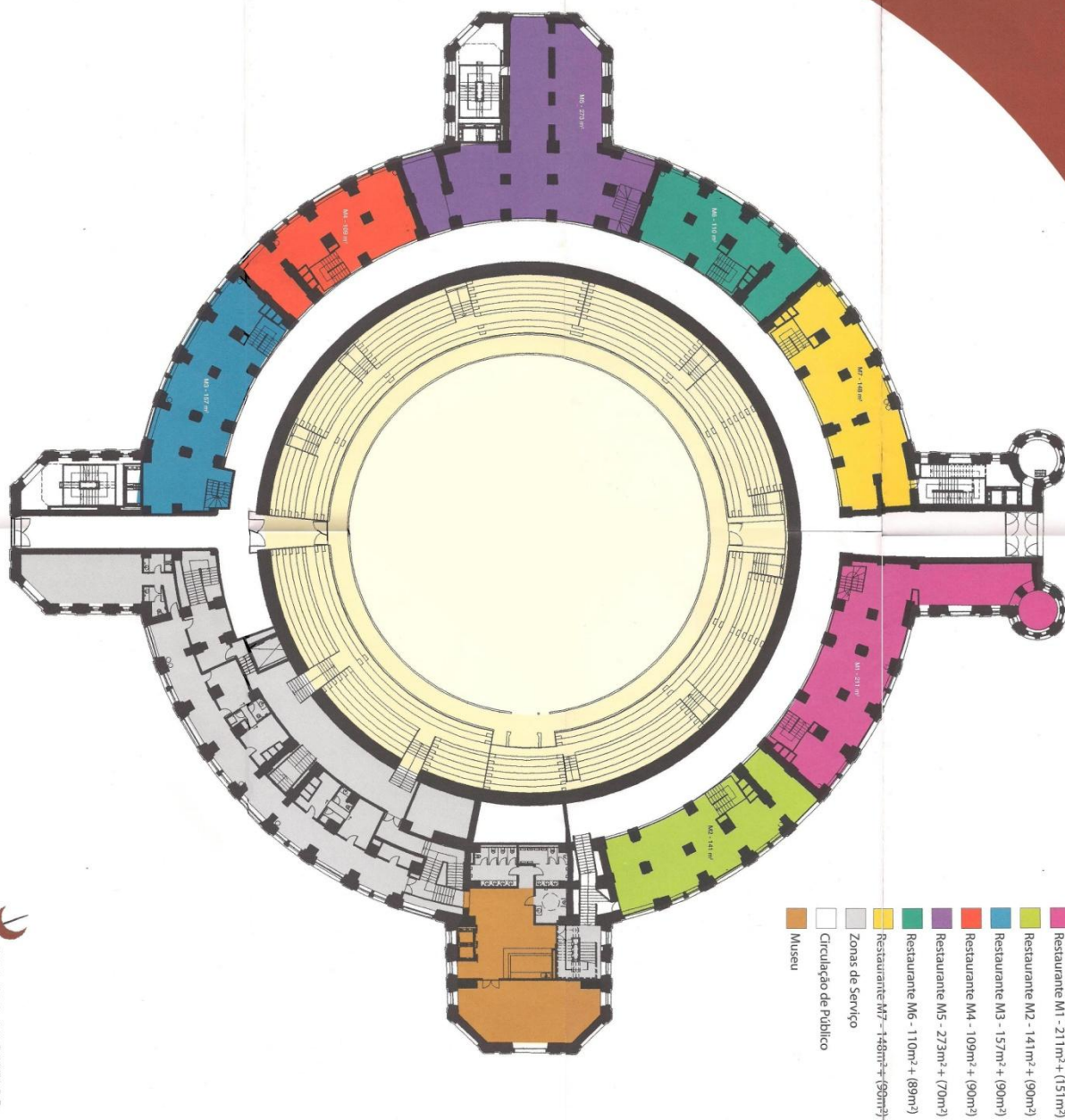
Projecto de obra planeado, coordenado e fiscalizado por:



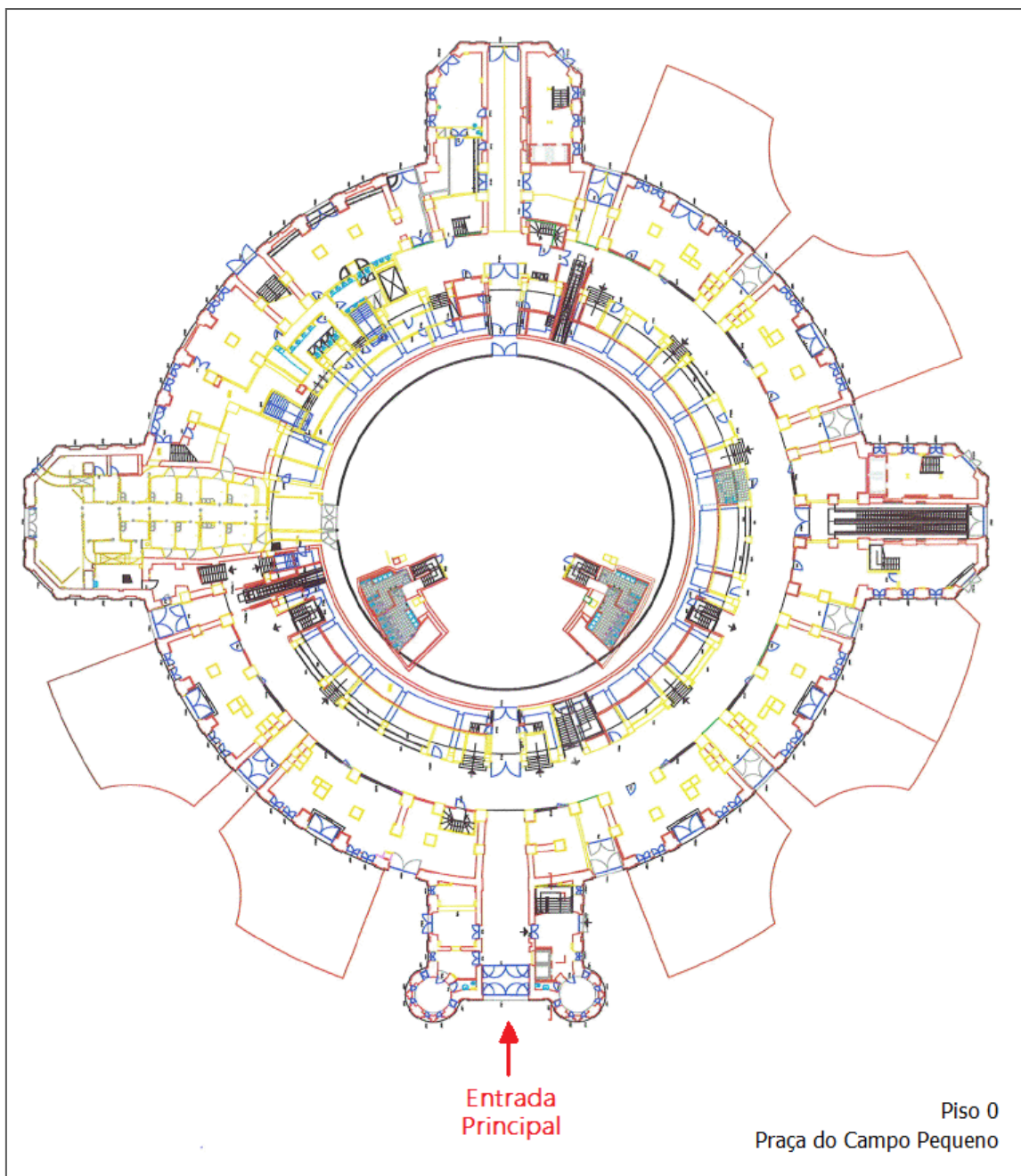
Plano de recuperação e gestão do património



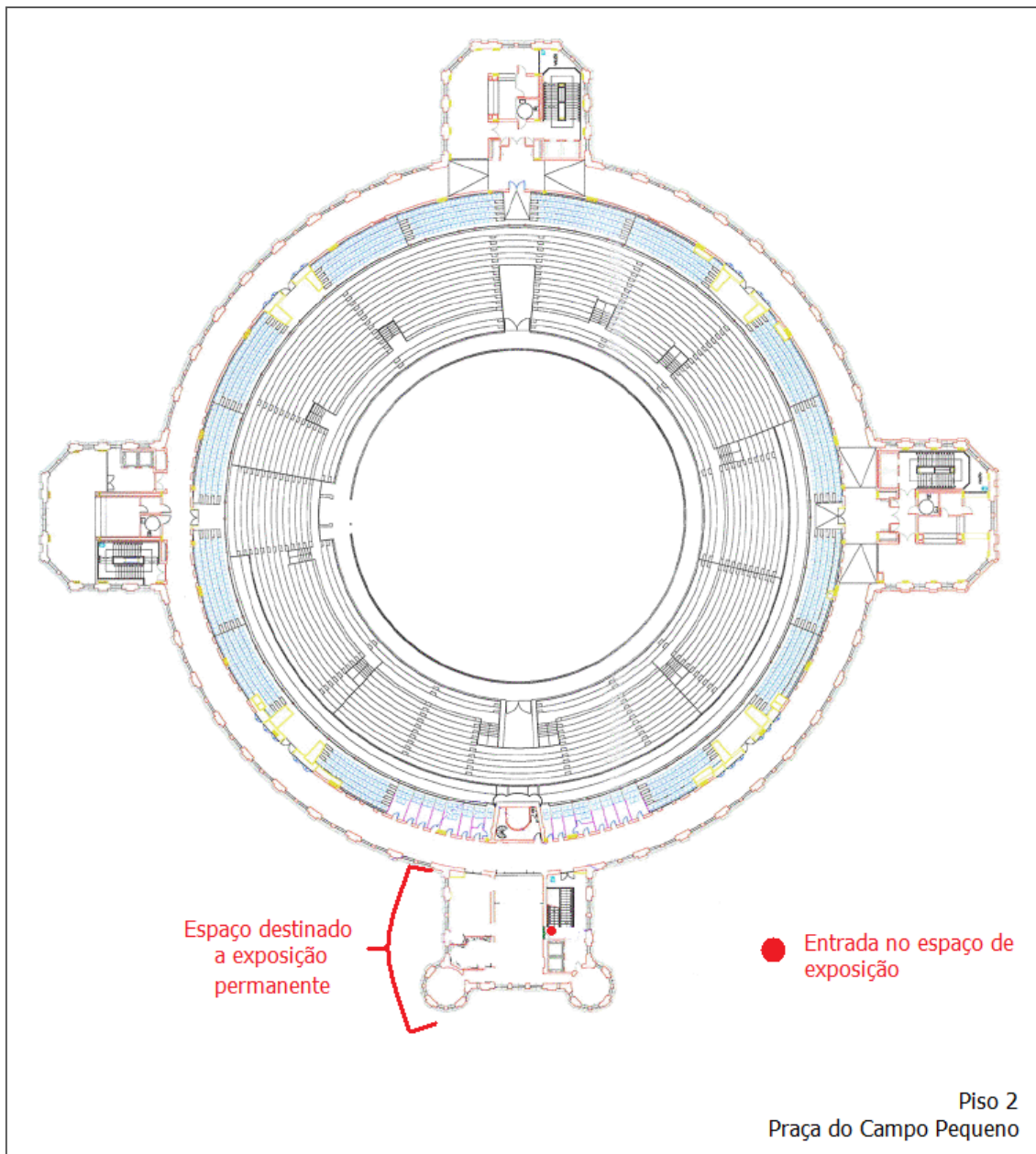
Planta 1 Piso Térreo da Praça do Campo Pequeno



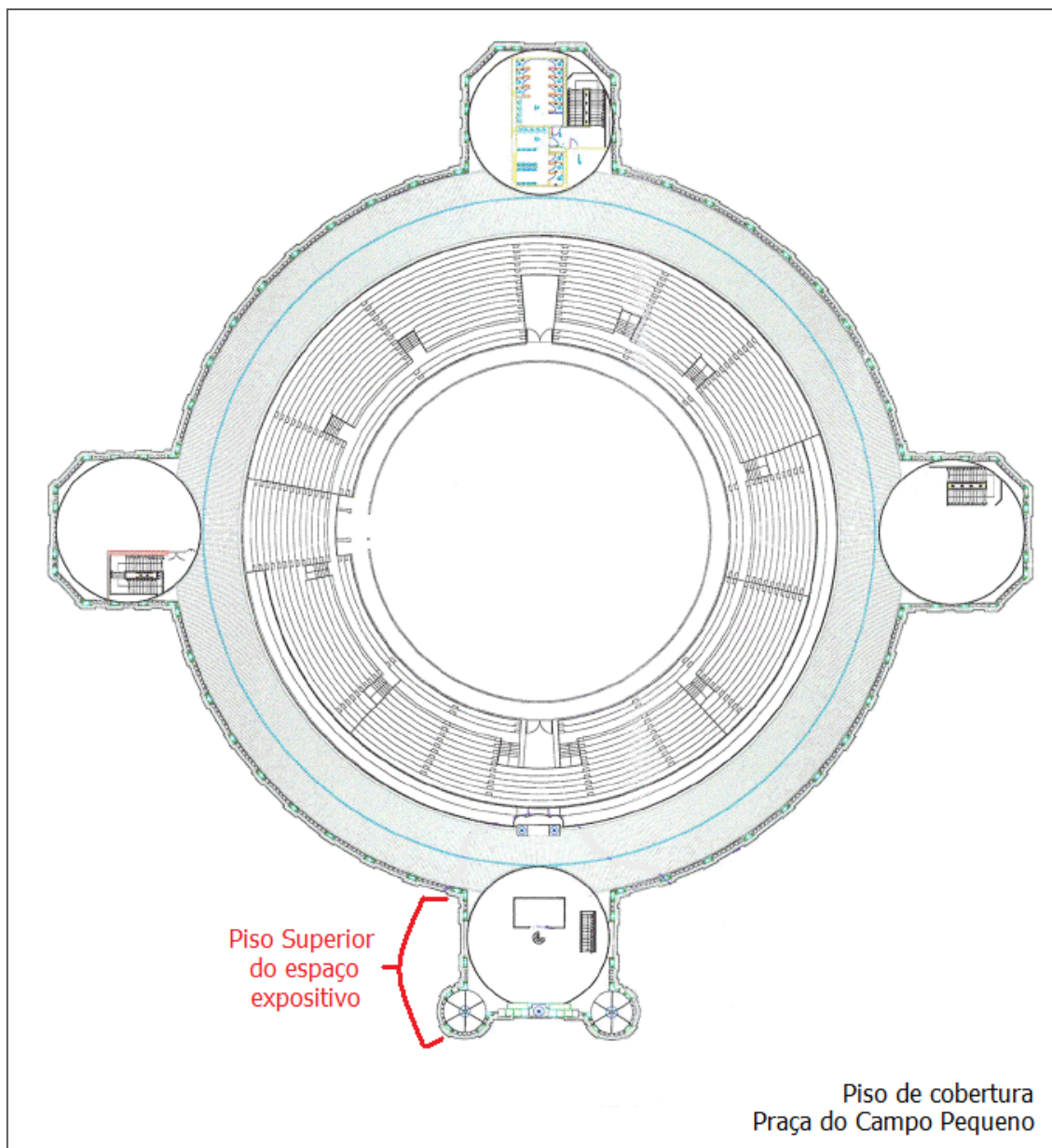
- Plantas do Espaço Renovado para Exposição



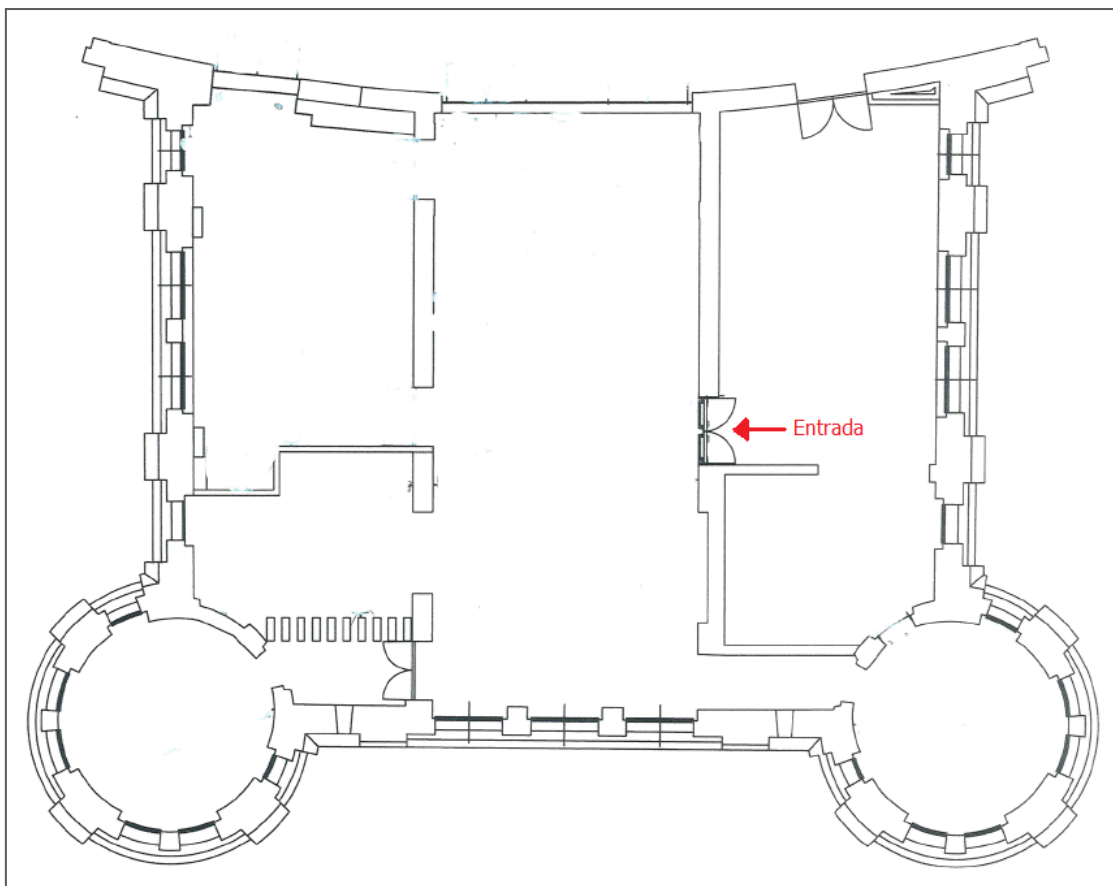
Planta 3 Piso 0 do edifício



Planta 4 Piso 2 da Praça do Campo Pequeno. Localização do Espaço expositivo



Planta 5 Piso de Cobertura. Piso superior do espaço de exposição



Planta 6 Pormenor do espaço de exposição - Piso 2 da Praça do Campo Pequeno

Documentos

Ficha de inventário

Nº de Inventário:

Designação

Nome (Denominação ou Título) _____

Autoria _____

Datação _____

Propriedade _____

Apresentação

Material/ais _____

Meio/Suporte _____

Dimensão _____

Descrição _____

Imagens/Fotografias (anexas à Ficha de Inventário)

Exposição

Localização _____

Historial _____

Modalidade de Incorporação _____

Data de Incorporação (dd/mm/aaaa) ____/____/____

Estado de Conservação _____

Interesse Cultural _____

Bibliografia associada

Fotografias

- Antigo espaço de Exposição do Campo Pequeno: Museu Tauromáquico



Fotografia 1 Sala do Museu João Baptista Duarte na Praça do Campo Pequeno, de 1945 por Mário Novais



Fotografia 2 Pormenor da Sala do Museu João Baptista Duarte, de 1945 por Mário Novais



Fotografia 3 Retrato do Fundador do Museu João Baptista Duarte, de 1945 por Mário Novais



Fotografia 4 Pormenor do Museu João Baptista Duarte, de 1945 por Mário Novais

Corrida real organizada pela ~
Empresa Batalha & C., comemorativa da
visita de S.M. Católica o Rei Afonso XIII



Campo Pequeno - 11. Dezembro - 1903



MUSEU TAUROMÁQUICO - 1937

Fotografia 5 Cartaz do Espólio do Museu da Praça do Campo Pequeno, de 1945 por Mário Novais



Fotografia 6 Espólio da Sala do Museu João Baptista Duarte, de 1945 por Mário Novais



Fotografia 7 Fotografia do Cavaleiro Manuel Casimiro (1854-1925) oferecida ao Museu da Praça do Campo Pequeno, de 1945 por Mário Novais



Fotografia 8: Fotografia de artistas tauromáquicos do Campo de S^a Ana que inauguraram a Praça do Campo Pequeno em 18 de Agosto de 1892, de 1945 por Mário Novais

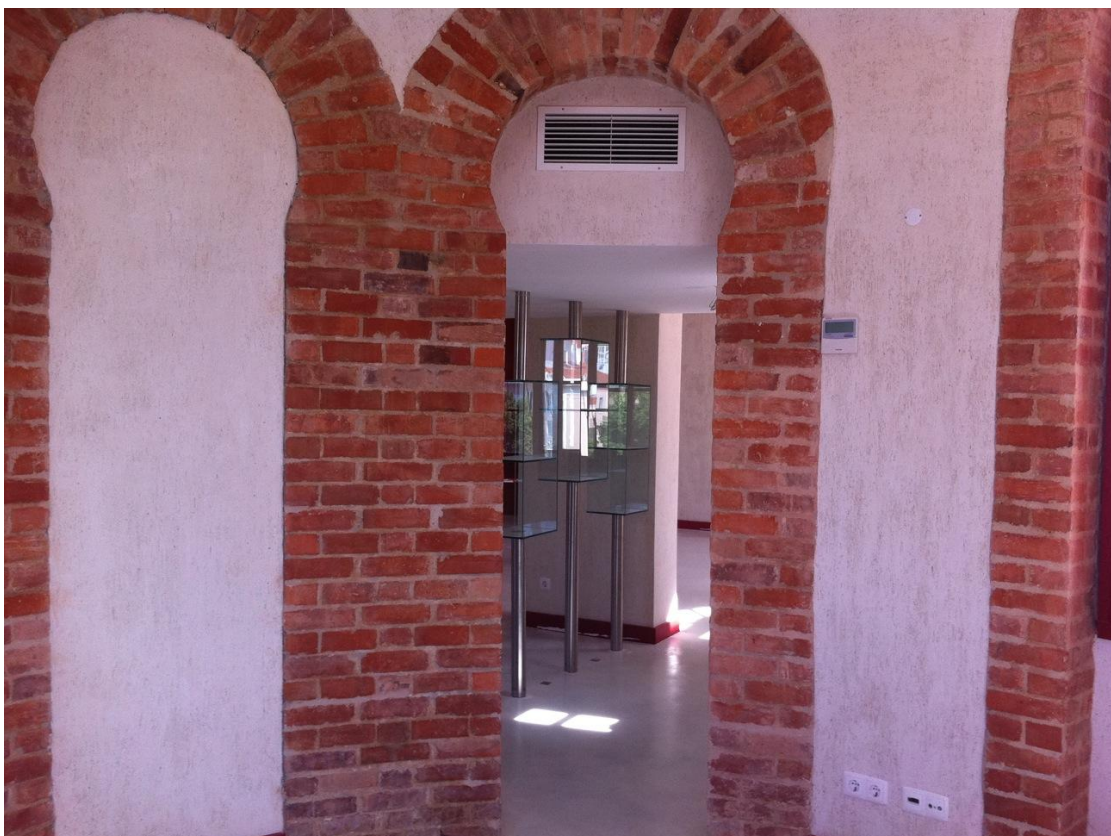


Fotografia 9 Fotografia do cavaleiro Vítório Froes (1862-1934) pertencente ao Museu do Campo Pequeno, de 1495 por Mário Novais



Fotografia 10 Sala do Museu João Baptista Duarte, de 1945 por Mário Novais

- Espaço Renovado para Exposição no Campo Pequeno



Fotografia 11 Pormenor do novo espaço expositivo, Setembro de 2011, por Paula Mendonça



Fotografia 12 Novo espaço expositivo do Campo Pequeno, Setembro de 2011, por Paula Mendonça



Fotografia 13 Espaço expositivo correspondente ao Torreão, Setembro de 2011, por Paula Mendonça



Fotografia 14 Espaço expositivo do Campo Pequeno, Setembro de 2011, por Paula Mendonça

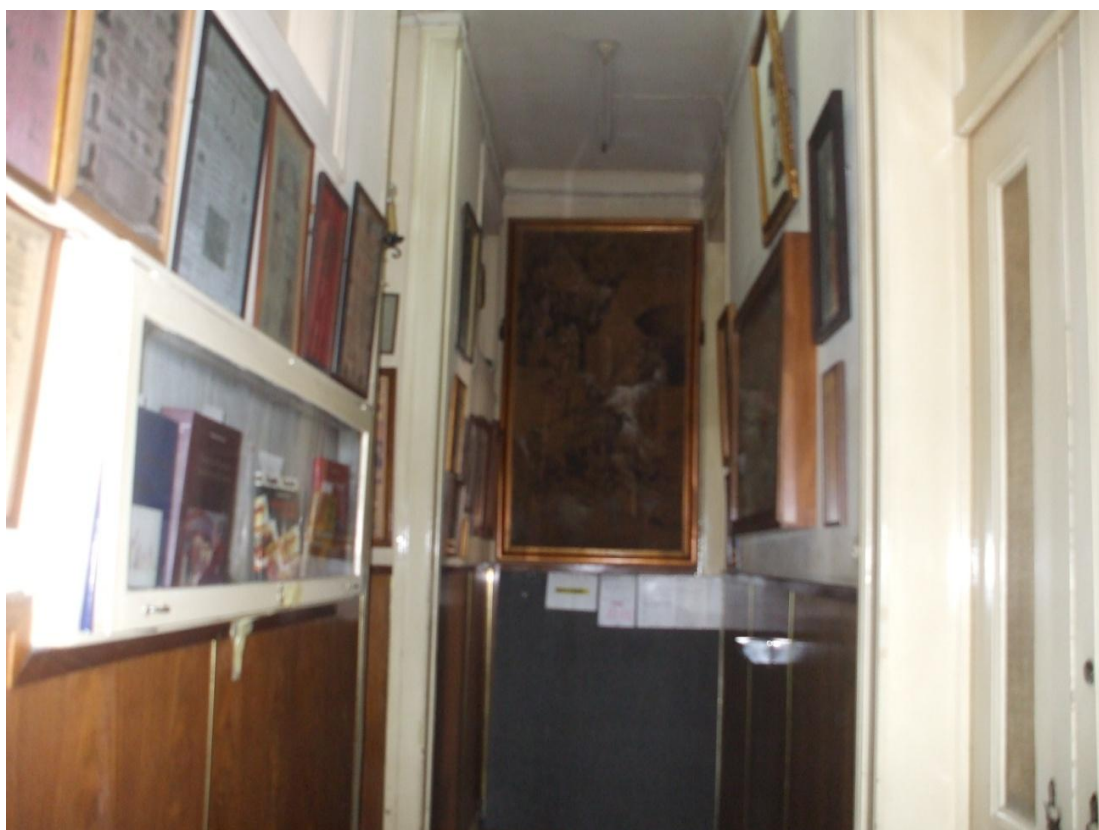


Fotografia 15 Pormenor do novo espaço expositivo do Campo Pequeno, Setembro de 2011, por Paula Mendonça

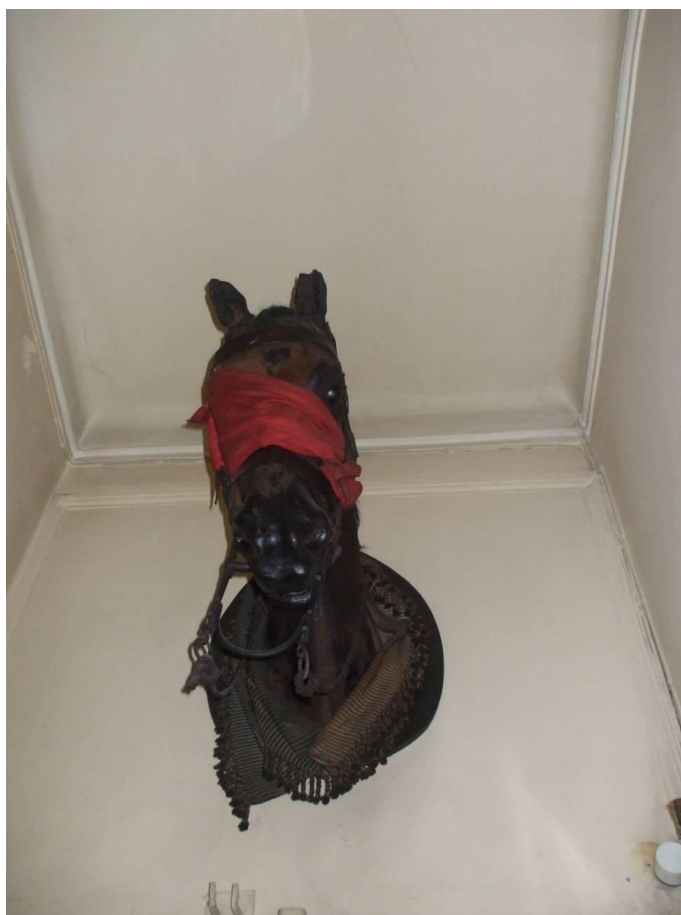


Fotografia 16 Visão do Piso de entrada da sala de exposição para a cúpula, Setembro 2011, por Paula Mendonça

- Peças expostas na Sede do Grupo Tauromáquico Sector 1



Fotografia 17 Visão da Entrada na Sede do Grupo Tauromáquico Sector 1, em 30 de Setembro 2011, Joana Pina



Fotografia 18 Cabeça de Cavalo Embalsamada na entrada da Sede do Grupo Tauromáquico Sector 1, em 30 de Setembro de 2011, por Joana Pina



Fotografia 19 Fotografia de uma Lide de Touros, 30 de Setembro de 2011, por Joana Pina



Fotografia 20 Cartaz de Aviso para um Festival Taurino de 1910 no Campo Pequeno, 30 de Setembro de 2011, por Joana Pina



Fotografias 21, 22, 23, 24 e 25 Pinturas retratos de toureiros e cavaleiros, pelo pintor F. Oliveira, séc. XIX. Telas de entre 1,50 a 2 metros de altura. 30 de Setembro de 2011, por Joana Pina



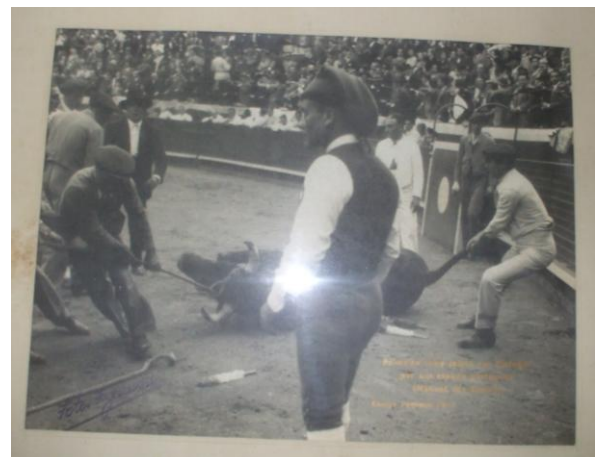
Fotografias 26, 27, 28 e 29 Pinturas de Macieira de 1989 e de 1993 sobre a lide de touros, 30 de Setembro de 2011 por Joana Pina



Fotografia 30 Cartaz de Aviso de Tourada de Maio de 1931 com ilustração de lide de matador. 30 de Setembro de 2011, por Joana Pina



Fotografia 31, 32 e 33 Pinturas de Domingos Saraiva sobre a lide de touros. 30 de Setembro de 2011 por Joana Pina



Fotografias 34 e 35 Fotografias do Momento de Morte do primeiro touro morto pelo português Manuel dos Santos na Praça do Campo Pequeno no dia 3 de Junho de 1951. 30 de Setembro de 2011 por Joana Pina



Fotografia 36 Desenho de A. Martins Maqueda 2000, 29 de Setembro de 2011 por Joana Pina



Fotografias 36 e 38 Cartazes de Corridas no Campo Pequeno dos dias 14 de Julho de 1907 e 19 de Setembro de 1950 – 29 de Setembro de 2011 por Joana Pina

- Peças da Colecção de António Manuel Moraes



Fotografia 39, 40, 41 e 42 Sequência de Pinturas sobre a Lide: Sorte do Cavaleiro, Espinha Bandarilhando, Passagem de Capa e Agradecimento do Cavaleiros, autor desconhecido. 30 de Setembro de 2011, por Joana Pina



Fotografias 43 e 44 Cartazes de corridas no Campo Pequeno, dos dias 29 de Setembro de 1905 e 11 de Maio de 1995

AO POVO DE LISBOA

MANIFESTO

Cidadãos isto assim não vae bem !

Está tudo cada vez peor !

Caminhamos n'um progresso de carangueijo.

Já não se pode fallar, Já não se pode escrever.

Ao domingo só se come e só se bebe por muito favor. Os generos de primeira necessidade estão pela hora da morte.

A canga das contribuições cada vez pesa mais.

Os senhorios de dia para dia, mais de-alma-dos se tornam.

As mulheres não sabem lidar com as suas pretensões e exigências.

A praga dos animados, dos empresarios e dos escriptores dramaticos augmenta consideravelmente.

Iste estado de coisas não pode continuar por mais tempo.

No meio, porém, de todas estas fatalidades que nos atormentam atrozmente, um grande acontecimento nos surge, como um raio de luz n'uma noite caliginosa.

A vinda a Lisboa do grande

ANTONIO FUENTES

o incomparavel espada e o maior artista
tauromachico da actualidade

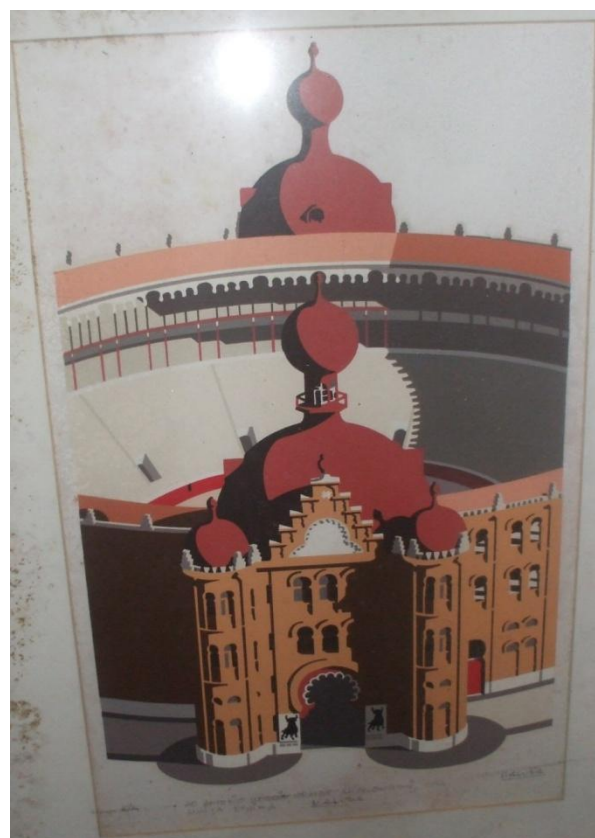
que no **DOMINGO 15 DE SETEMBRO**

arrebatará todo o publico

na Praça do Campo Pequeno

Companhia Typographica — R. do Ferregial de Baixo, 12 a 20 — Lisboa

Fotografia 45 Manifesto que resulta no aviso da Corrida como "raio de luz" face os problemas da época. 30 de Setembro de 2011 por Joana Pina



Fotografias 46, 47 e 48 Pinturas da Praça de Touros do Campo Pequeno, por vários artistas, anteriores a 2003 - 30 de Setembro de 2011 por Joana Pina



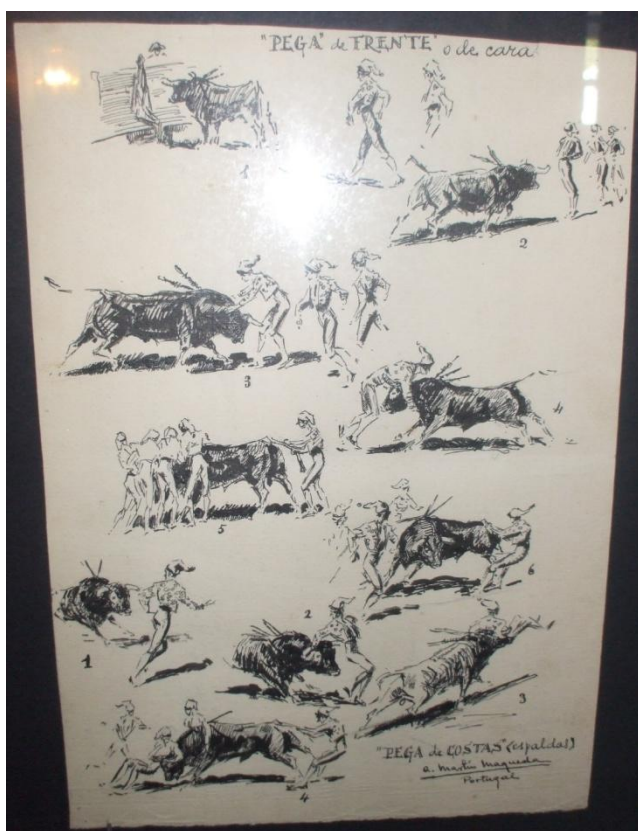
Fotografia 49 Ferramentas usadas pelas várias Ganadarias para Marcar os Touros - 30 de Setembro de 2011 por Joana Pina



Fotografia 50 Toiro nº 9 "Roqueto" da Ganadaria de Palha Blanco, filho do semental "Gritador" de ferro palha e da vaca "Roqueta", lidado por António de Portugal na Praça do Campo Pequeno, em 3 de Abril de 1994 - 30 de Setembro de 2011, por Joana Pina



Fotografia 51 Toiro nº 17 "Troyano" da Ganadaria de Don Eduardo Fernandez Miura, com peso 673 Kilos lidado a 21 de Setembro de 1995 pelo matador espanhol "El Fundi", no Campo Pequeno – 30 de Setembro de 2011, por Joana Pina



Fotografia 52 e 53 Desenhos de A. Martin Maqueda sobre as lides: Toureio a cavalo e toureio a pé, Pega de Frente que caiu em desuso. 30 de Setembro de 2011, por Joana Pina



Fotografias 54 e 55 Artista grego pinta a pega do touro e o touro, com a introdução de elementos da tragédia grega, como a máscara. 30 de Setembro de 2011 por Joana Pina

Fotografia 56 e 57 Trajes de Bandarilheiro, Campino e Forcado com a Casaca alentejana – 30 de Setembro de 2011, por Joana Pina



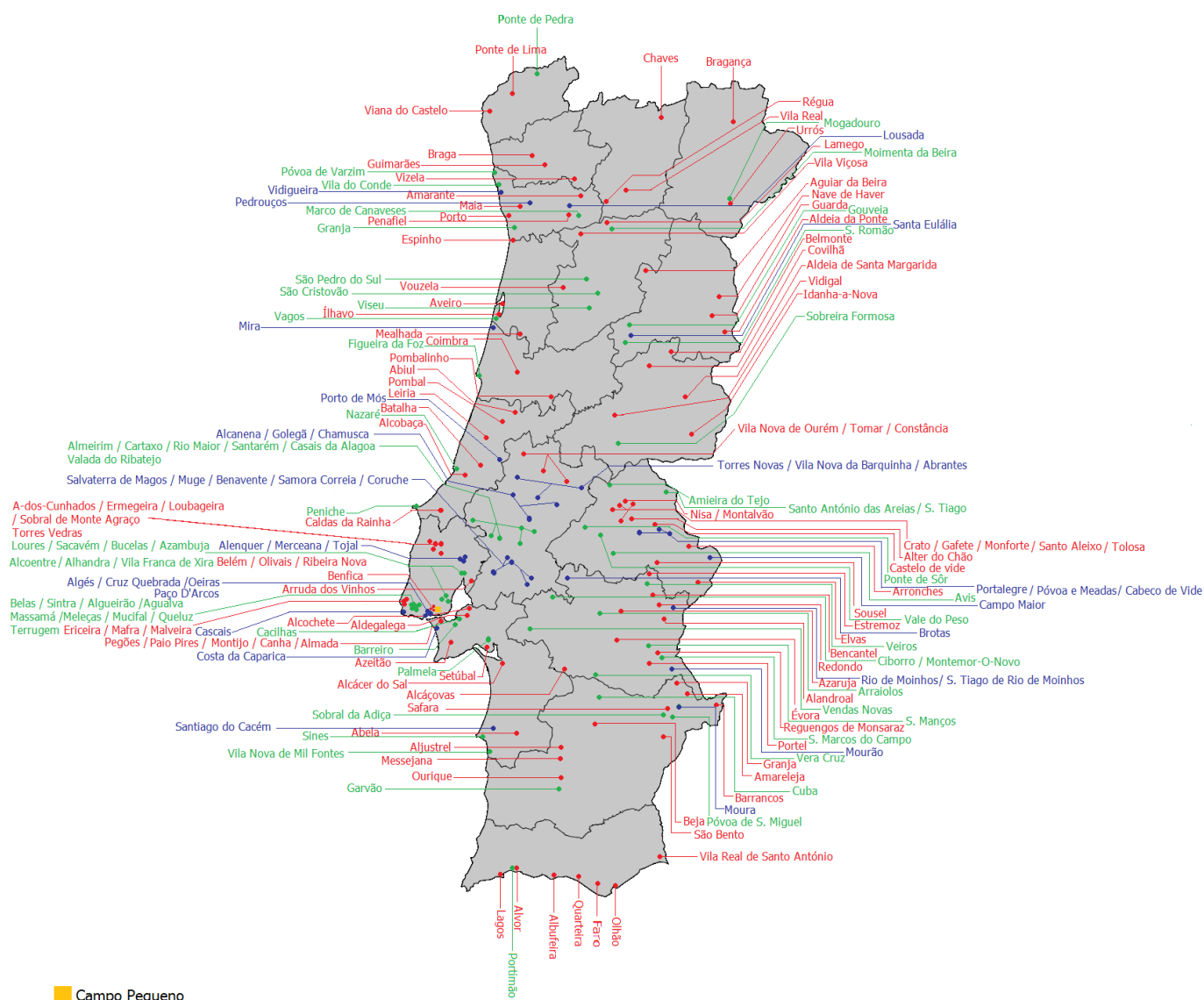


Fotografia 58 Escultura Luta entre Touros de A.M. Moraes, 30 de Setembro de 2011, por Joana Pina

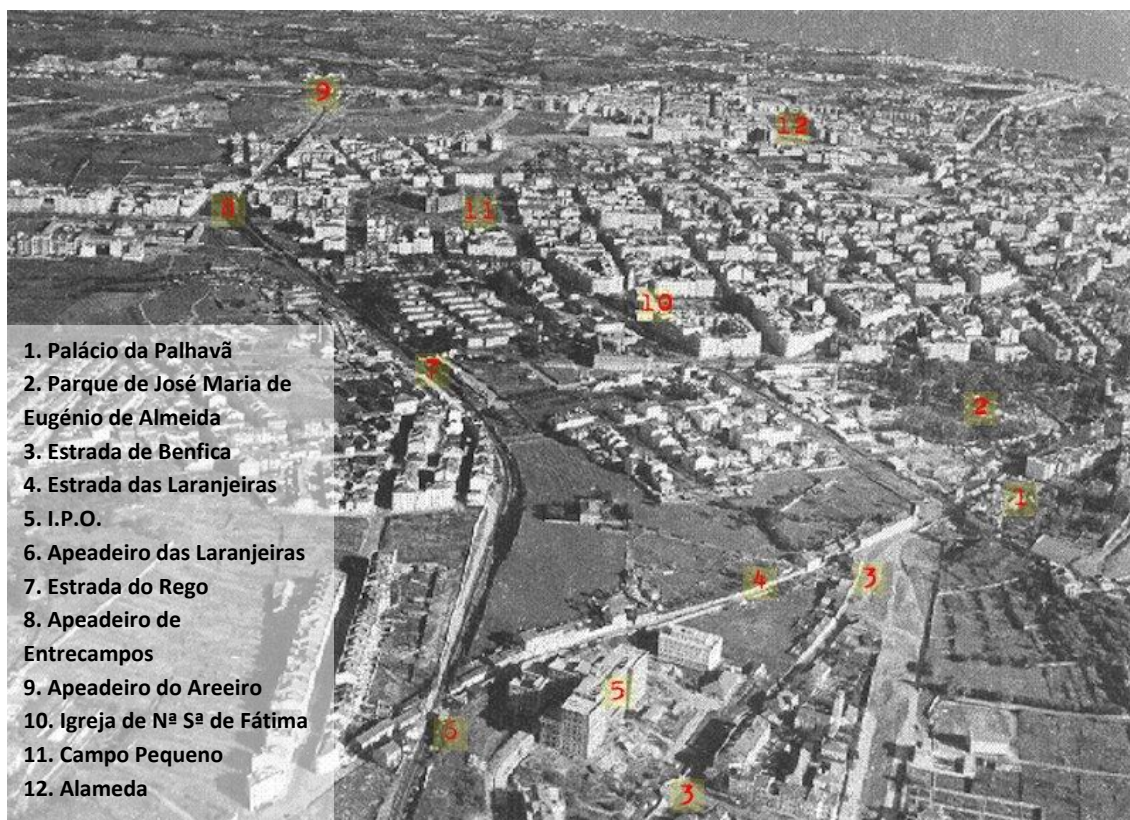


Fotografia 59 Escultura Pega de Costas de A.M. Moraes, 30 de Setembro de 2011, por Joana Pina

Mapas



Mapa 1 Pontos onde há relatos de terem existido ou de ainda existirem Corridas de Touros



Mapa 2 Fotografia das Avenidas Novas de Lisboa por Judah Benoliel *in* Arquivo Fotográfico da C.M.L, década de 40.